

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Modernas

Maria Aparecida Cardoso

Usos dos verbos *ser* e *estar* do Português em contraste
com os usos do verbo *sein* do Alemão

Dissertação apresentada ao Departamento de Letras Modernas, da Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, para
obtenção do Título de Mestre em Letras (Área de concentração: Língua e
Literatura Alemã)

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena V. Battaglia

São Paulo

2004

Agradecimentos

A meu querido pai, Vicente Alves de Almeida, que é meu esteio e sempre me orientou a seguir o meu caminho.

À minha família, que é a minha fonte primeira de energia positiva.

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Helena V. Battaglia, que sempre me estimulou e pacientemente me ajudou em momentos de sufoco.

Aos meus amigos, que torceram por mim e me apoiaram.

Aos colegas do Instituto Goethe, que se dispuseram a ajudar sempre que eu precisei.

À Biblioteca da FFLCH.

Aos funcionários do DLM e das Secretarias de Pós.

Resumo

O trabalho consiste em uma descrição dos usos dos verbos *ser* e *estar* do português e do verbo *sein* do alemão, e do contraste de *ser* e *estar* com o *sein*, destacando como características principais os seus usos predicativo e atributivo, de acordo com Ruiz. O trabalho apoia-se nos preceitos teóricos de Polenz, para a descrição semântica da frase, na teoria da valência, e ainda na oposição aspectual, de acordo com Lemos, para a distinção de usos entre *ser* e *estar*. A teoria da valência oferece recursos para análise das relações sintático-semânticas dos usos desses verbos com adjetivos, enquanto que a teoria da semântica da frase é aplicada em parte para a distinção e identificação sintático-semântica dos diferentes usos dos verbos. Além disso a análise da oposição aspectual de *ser* e *estar* permite contrastar os casos mais complexos e de mais difícil compreensão para o estrangeiro, falante nativo do alemão, e indicar possíveis meios de solução do problema.

Palavras-chave: usos predicativos, usos atributivos, análise contrastiva, semântica da frase, distinção aspectual.

Abstract

The aim of this work was to describe the uses of the verbs *ser* and *estar* from Portuguese and the verb *sein* from German, and also the contrast between *ser* and *estar* and *sein*, highlighting their predicative and attributive uses as main characteristics, according to Ruiz. The work is based on the theoretic precepts of Polenz for the semantic description of phrase, in the valence theory, and also on the aspectual opposition according to Lemos, for the distinction between the uses of *ser* and *estar*. The valence theory offers resources to the analysis of the syntax and semantic relations of the uses of these verbs as adjectives, whereas the theory of the phrasal semantic is applied in part to the semantic distinction and the syntax semantic identification of the different uses of the verbs. In addition, the analysis of the opposition between *ser* and *estar* permits contrasting more complex cases and of more difficult comprehension to the foreigner, native German speaker, and indicates possible ways to solve the problem.

Keywords: predicative uses, attributive uses, contrasting analyse, phrasal semantic, aspectual opposition.

Zusammenfassung

Die vorliegende Arbeit besteht aus einer Beschreibung des Gebrauchs der Verben *ser* und *estar* im Portugiesischen und des Verbs *sein* in der deutschen Sprache, und einer Kontrastierung zwischen *ser / estar* und *sein* mit besonderer Betonung auf ihrer, laut Ruiz, wichtigsten Eigenschaften, nämlich ihren attributiven und prädikativen Gebrauch. Für die semantische Beschreibung des Satzes greift diese Arbeit auf die von Polenz entwickelten theoretischen Prinzipien der Valenztheorie zurück; für die Aspektunterscheidung von *ser* und *estar* wird Lemos in Betracht gezogen. Die Valenztheorie bietet theoretische Werkzeuge zur syntaktisch-semantischen Analyse des unterschiedlichen Gebrauchs dieser Verben in Begleitung von Adjektiven, während die Semantiktheorie teilweise für die syntaktisch-semantische Unterscheidung und Identifizierung der vielfältigen Gebräuche dieser Verben angewendet wird, während die Aspektopposition zwischen *ser* und *estar* es ermöglicht, kompliziertere und für einen Deutschen schwierigere Fälle zu kontrastieren, und mögliche Lösungen für das Problem zu finden.

Stichwörter: attributiven Gebrauch, prädikativen Gebrauch, Kontrastierung, Satzsemantik, Aspektopposition.

Sumário

I. Introdução

1. Apresentação	3
2. Justificativa do trabalho	4
3. Corpus e metodologia	4

II. Preliminares teóricas

1. Objetivo do trabalho	6
2. Pressupostos teóricos aplicados ao estudo	14
2.1 Teoria da valência	18
2.1.1 Valência verbal	20
2.1.2 Valência do adjetivo	24
2.1.3 Valência do substantivo	26
2.1.4 Aplicação da teoria da valência	27
2.2 A questão do aspecto abordada por Cláudia T.G. de Lemos	28
3. Semântica da Frase / <i>Satzsemantik</i>	32
3.1 O conceito de <i>Satzsemantik</i> (semântica da frase) de Peter von Polenz ..	32

III. Análise de usos dos verbos *ser* e *estar*

1. Os verbos <i>ser</i> e <i>estar</i> no português	48
1.1 Introdução	48
1.2 Considerações sobre os usos de <i>ser</i> e <i>estar</i>	49
1.2.1 Relato de uma experiência sobre os usos de <i>ser</i> e <i>estar</i>	49
1.2.2 Da origem do verbo <i>ser</i>	50
2. Características gerais do emprego de <i>ser</i> e de <i>estar</i>	51
2.1 Usos predicativos e usos atributivos	52
2.2 Usos auxiliares de <i>ser</i> e <i>estar</i>	55
2.2.1 <i>Ser</i> e <i>estar</i> na voz passiva	55
2.2.2 <i>Ser</i> e <i>estar</i> em locuções ou perífrases verbais	56
2.2.3 <i>Ser</i> e <i>estar</i> nas estruturas completivas	57

2.2.4	Quadro resumo dos usos de <i>ser</i> e <i>estar</i>	59
3.	Análise de usos de <i>ser</i> e <i>estar</i>	60
4.	Análise de usos atributivos de <i>ser</i> e <i>estar</i>	65
IV. Usos do verbo <i>sein</i>		
1.	Introdução	72
2.	Características gerais dos usos de <i>sein</i>	72
3.	<i>Sein</i> como verbo auxiliar	73
3.1	Auxiliar na formação do tempo verbal <i>Perfekt</i>	73
3.2	O <i>sein</i> auxiliar na formação da voz passiva de estado – <i>Zustands- oder sein-Passiv</i>	74
3.3	Auxiliar com verbos modais	75
4.	<i>Sein</i> + <i>zu</i> + infinitivo	75
5.	<i>Sein</i> em construções completivas	76
6.	Usos predicativos de <i>sein</i>	76
6.1	<i>Sein</i> em função predicativa-atributiva	77
6.1.1	<i>Sein</i> com adjetivo	77
6.1.2	<i>Sein</i> com substantivo no papel de adjetivo (<i>Klassifikationssatz</i>) ..	80
6.1.3	<i>Sein</i> com substantivo em frases de identificação (<i>Identifikationssatz</i>) ..	80
V. Contraste entre os usos de <i>ser</i> , <i>estar</i> e <i>sein</i>		
1.	Introdução	82
2.	Exemplos de contraste semântico entre <i>ser</i> , <i>estar</i> e <i>sein</i>	82
V. Considerações finais		
		86
VI. Referência bibliográfica		
		87

I Introdução

1. Apresentação

Neste trabalho enfocamos a questão dos usos dos verbos *ser* e *estar* do português e do *sein* do alemão, por ser este um ponto problemático do aprendizado do português como língua estrangeira para o falante nativo do alemão. A grande variedade de funções sintáticas e semânticas desses verbos dificulta o aprendizado.

Por termos adotado uma abordagem de contraste dos usos dos verbos *ser*, *estar* e *sein*, tomamos como referência e ponto de partida para o trabalho a língua portuguesa. Que, segundo entendemos, é a língua de origem do problema.

Não foi nossa intenção fazer um levantamento exaustivo de ocorrências, mas procuramos dar uma visão geral dos usos e do funcionamento de *ser*, *estar* e *sein*, o que, esperamos, seja útil para aqueles que desejam ter uma idéia sobre como esses verbos se comportam.

O trabalho está dividido em quatro partes essenciais. A primeira parte dedicamos às principais referências teóricas que entendemos serem importantes para a análise. A teoria da valência, nas suas vertentes valência verbal e valência nominal (do substantivo e do adjetivo), a questão da oposição aspectual para esclarecimentos de muitos usos de *ser* e de *estar*, e a teoria da semântica da frase (*Satzsemantik*), de Polenz, compõem esta parte do trabalho.

A segunda parte é dedicada à análise de casos do português, i.e., dos usos de *ser* e *estar* nas suas variadas possibilidades sintáticas e semânticas.

Na terceira parte apresentamos os principais usos do verbo *sein* do alemão.

Na quarta parte do trabalho fizemos o contraste dos casos que se revelaram mais problemáticos para o aprendizado do português como língua estrangeira.

2. Justificativa do trabalho

O trabalho se justifica pela necessidade de se fazer uma análise das ocorrências dos verbos *ser* e *estar* para que, ao se contrastar esses usos com os usos do verbo *sein*, seja possível pensar em uma solução para o problema que afeta o ensino do português como língua estrangeira para falantes nativos do alemão. Estes devem se sentir intimidados pela profusão de usos de *ser* e *estar* no português.

A opção pelo recorte, que privilegia os usos predicativos e atributivos se deve ao fato de que é neste ponto em especial que se situam os maiores problemas. O primeiro deles é justamente a oposição *ser* e *estar*.

3. Corpus e metodologia

Para realização da pesquisa nos baseamos em um levantamento teórico que fizemos da teoria lingüística modernamente empregada pelas gramáticas do alemão, mais precisamente a teoria da valência e a teoria da semântica da frase. Utilizamos também gramáticas modernas de português, publicadas no Brasil e em Portugal, e também trabalhos e publicações a respeito dos usos de *ser* e *estar*, e do adjetivo.

Para constituição do corpus e classificação dos usos dos três verbos estudados, demos preferência à língua escrita, recolhendo textos publicados em jornais e revistas de grande circulação em ambos os países. No Brasil utilizamos textos dos Jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e Jornal da Tarde, além de alguns exemplares da revista Veja. Do alemão foram utilizados textos dos *Die Zeit* e *Frankfurter Allgemeiner Zeitung*, além de textos edições avulsas da revista *Der Spiegel*. Os textos foram escolhidos aleatoriamente, sem preocupação com tema ou autoria. Deles extraímos todas as ocorrências que foram separadas por grupos, conforme a função sintático-semântica de cada uma.

O corpus constituído foi então comparado com a abordagem teórica das gramáticas, para verificação da aplicação ao nosso objetivo.

Além dos textos escritos, nos valem ainda de observações empíricas do comportamento e do desempenho de alunos de língua alemã, durante nossa experiência de ensino do alemão do Alemão no Campus, e também de experiências com alunos falantes nativos do alemão, aprendizes do português.

II - Preliminares teóricas

1. Objetivo do trabalho

O presente trabalho tem como objetivo fundamental isolar e analisar os principais usos de dois importantes verbos do sistema atributivo do português do Brasil, *ser* e *estar*, e contrastá-los com o seu principal equivalente em alemão, o verbo *sein*. Esta análise procura abranger o maior número possível de ocorrências dos dois verbos. Para que se tenha uma idéia do volume dessas ocorrências, destacamos abaixo uma série de frases extraídas de publicações periódicas, utilizadas para compor o *corpus* deste trabalho.¹ Estes exemplos não cobrem a totalidade das ocorrências possíveis, mas apontam para a diversidade de usos, principalmente do verbo *ser*.

- (1) O recrudescimento da tuberculose *é* um problema mundial.
- (2) *É* preciso impedir que os camelôs retirados da Avenida Paulista se refugiem nas ruas paralelas ou num bairro próximo.
- (3) A informação *é* do prefeito do Rio.
- (4) Como *é* a cabeça do eleitor?
- (5) Mesmo assim, *é* alto o número dos pacientes que abandonam o tratamento nas primeiras semanas.
- (6) O problema *é* que a descontinuação do tratamento geralmente leva a uma recidiva da TB (tuberculose).
- (7) O que *está* em questão *é* a capacidade da política de traduzir os anseios da população.
- (8) Os pefelistas *estão* certos de que a candidatura Roseana *é* irreversível.
- (9) O casal tem seis filhos e um sétimo *está* a caminho.

¹ A maioria dos exemplos *é* extraída de um *corpus* constituído de textos publicados em jornais e revistas de grande circulação. Na medida do possível, mantemos os exemplos intactos. Entretanto, há frases que foram propositalmente alteradas, de modo a evitar, por exemplo, a citação de nomes próprios. Além disso, por exigência da própria pesquisa, há também exemplos criados e outros extraídos de textos de autores que já trataram do assunto.

- (10) As pessoas geralmente querem *estar* por perto de um colega divertido e otimista.
- (11) A candidatura de Roseana *está* sólida.
- (12) a. Se nossos sonhos não fossem maiores do que nossa realidade, nós ainda *estariamos* morando nas cavernas.
- b. Mas as novidades mais aguardadas desse segmento *estão* previstas para desembarcar nas lojas em abril.
- c. Entre sedãs, *estão previstas* as chegadas do Citroën C5 _substituto do XM_ e dos novos Renault Laguna e Audi A4.²

Nestas frases identificamos variações dos usos dos dois verbos em questão (*ser* e *estar*). A análise sintático-semântica destas frases possibilita seu agrupamento de acordo com as características dos elementos que as compõem. A análise de uma oração como dos exemplos apresentados não deveria privilegiar apenas as suas características morfológicas (de flexão, por exemplo), ou sintáticas (definindo a função dos termos: saber se é um sujeito ou predicativo), sob pena de continuarmos a entender os verbos *ser* e *estar* como verbos de ligação, desprovidos de valor semântico, sem maior preocupação com grande volume de frases em que tais verbos ocorrem. A esse respeito, já podemos encontrar estudiosos que entendem que estes verbos são mais do que meros portadores de marcas de tempo ou pessoa, e não distinguem predicado verbal de predicado nominal.³ A análise, para ser completa, deve ser sintático-semântica, e levar em conta inclusive elementos extra-gramaticais⁴, como é o caso do contexto em que está inserida a frase. Esta idéia é defendida pela gramática de valência, conforme confirmaremos neste trabalho.

² As frases em (31) foram selecionadas com o fim específico de ilustrar casos de reprodução da língua falada na língua escrita, o que em geral conduz a frases de efeito pouco adequado ao padrão culto próprio da língua escrita. Não nos propomos a analisar a coloquialidade na língua escrita, mas a observação torna-se inevitável, dado as freqüentes ocorrências como as do verbo *estar* para formação de perífrases do tipo *estar* + gerúndio, em (31)a. – *estariamos morando* (por *morariamos*), uso que é condenado pelas gramáticas normativas/tradicionais, e a formação de voz passiva de estado com verbos como *prever*, que, como conferimos em (31) b. e c. pode levar o falante/escritor a construir frases de sentido duvidoso.

³ Conf. BECHARA, Evanildo, *Moderna Gramática Portuguesa*, Lucerna, Rio de Janeiro, 1999, p. 426-427.

⁴ Aqui nos referimos principalmente ao que Polenz denomina *Hintergründige Satzinhalte* (“base/pano de fundo do conteúdo frasal” – tradução livre): p.298-301.

A maior parte das ocorrências, de acordo com o que verificamos acima, se dá com o verbo *ser* e não com o verbo *estar*. Além disso, somente em um número reduzido de textos estes verbos, em especial o verbo *ser*, deixa de ocorrer. Esta frequência não se dá em apenas um modelo de frases; a análise sintático-semântica das frases demonstra o grau de complexidade desses usos. Veremos que o complemento do verbo tem papel preponderante na distinção e agrupamento das ocorrências. Avaliar a maneira como ocorrem as relações no interior destas frases é objeto de estudo deste trabalho. A natureza de cada tipo de frase é determinada por propriedades sintático-semânticas dos elementos que a compõem, além, é claro, da intenção do falante/escritor, expressa e identificada por meio do contexto. A identificação dos traços semânticos dos elementos da frase nos permite selecionar aquilo que existe de comum entre frases, possibilitando assim o seu agrupamento a partir desses traços comuns em tipos de frases.

Para efeito ilustrativo, podemos destacar alguns dos exemplos citados.

(01) O recrudescimento da tuberculose *é* um problema mundial.

(05) Mesmo assim, *é* alto o número dos pacientes que abandonam o tratamento nas primeiras semanas.

(03) A informação *é* do prefeito do Rio.

(04) Como *é* a cabeça do eleitor?

(02) *É* preciso impedir que os camelôs retirados da Avenida Paulista se refugiem nas ruas paralelas ou num bairro próximo.

A simples leitura em seqüência destes exemplos nos remete à idéia da assimetria entre eles. As frases (01) e (05) constituem o modelo de frases mais comuns na língua portuguesa. Em (01) ocorre uma relação de identificação, em que um nome, na posição de sujeito, é igualado a um outro nome na posição de predicado, onde temos:

recrudescimento da tuberculose = problema mundial

O artigo indefinido *um* inclui o termo *problema* na classe dos substantivos. Isso aparentemente fortalece a idéia de igualdade. Há lingüistas que discutem esta questão de

relação de igualdade do verbo *ser* mais detidamente. Voltaremos a esta questão na segunda parte deste trabalho, quando nos concentraremos em análises mais detalhadas de mais exemplos.

Em (05) temos um adjetivo, *alto*, que pelas suas características semânticas apresenta traços *+hum* e *-hum*. E pode, portanto, atribuir a característica por ele representada a nomes/substantivos que apresentem os mesmos traços: *+hum* e *-hum*:

(05) O número dos pacientes que ... *é* alto

Em (03) o verbo *ser* é usado para indicação de origem, *a informação foi dada pelo prefeito do Rio*.⁵ Poderíamos reescrevê-la assim:

(3) a. O prefeito do Rio informou que...

Na frase (04) o pronome interrogativo, *como*, indica modo, na verdade, *modo de*. Ao mesmo tempo, a palavra *cabeça* não é usada no seu sentido denotativo, mas em substituição ao termo *pensamento*. A frase, portanto, poderia ser reescrita da seguinte maneira, e desta vez sem usar o verbo *ser*.

(04) a. Como/o que pensa o eleitor?

O exemplo (02) se apresenta seguido de uma oração completiva. Neste tipo de frase são bastante comuns adjetivos como: *preciso, necessário, bom, ruim, importante, fundamental, provável*, etc. que aceitam completivas infinitivas, como é o caso do exemplo citado. Há também frases em que estes adjetivos podem funcionar como predicativo de orações completivas integrantes, que exercem a função sintática de sujeito da frase. No decorrer deste trabalho surgirão novos exemplos para ilustrar este dado.

Frases em que ocorre o verbo *estar* também são objetos de análise aqui. Vejamos alguns dos exemplos já mencionados.

⁵ Conforme Fernandes, Francisco, *Dicionário de Regimes de Substantivos e Adjetivos*: “dar, receber informação acerca de alguém ou de alguma coisa”.

No exemplo (07) verificamos uma ocorrência do verbo *estar* como verbo suporte⁶. O falante prefere nominalizar um verbo, o que o obriga a utilizar o verbo suporte. A mesma frase poderia ser a que vemos em (07) a:

(07) O que *está* em questão é a capacidade da política de traduzir os anseios da população.

(07) a. Questiona-se a capacidade da política de traduzir os anseios da população.

Ao que parece a ocorrência com verbo suporte isenta o falante/escritor do uso da forma pronominal.

O adjetivo *certo* do exemplo (08), de modo semelhante a outros adjetivos como: convicto, convencido, indeciso, desejoso etc. que aparecem seguidos da preposição *de*, também exige uma oração completiva.

(08) Os pefelistas *estão* certos de que a candidatura Roseana é irreversível.

O adjetivo irreversível da oração subordinada refere-se ao sintagma candidatura Roseana e não atribui uma qualidade intrínseca, mas descreve uma situação.

A frase (09) utiliza-se de um recurso expressivo para indicar um fato iminente, trata-se da expressão *estar a caminho*.

(09) O casal tem seis filhos e um sétimo *está* a caminho.

De modo parecido, a frase (10) utiliza uma expressão⁷ para indicar proximidade física.

(10) As pessoas geralmente querem *estar* por perto de um colega divertido e otimista.

Dentre estes exemplos selecionados, o único caso em que encontramos um exemplo de adjetivo em função atributiva é o (30). O adjetivo *sólido* qualifica o nome *candidatura*.

⁶ Utilizamos o conceito de verbo-suporte de MOURA NEVES, Maria Helena de, *Estudo das Construções com Verbo-Suporte em Português*, in: KOCH, Ingerore G. Villaça (org.), *Gramática do Português Falado*, vol. VI: Desenvolvimentos, Ed. Unicamp, 2002, p.209-238.

⁷ Consideramos o sintagma “estar a caminho” como expressão fixa da língua, porque o seu uso é comum em diferentes situações de fala, sem que haja alteração de forma ou sentido, e não analisáveis separadamente.

(11) A candidatura de Roseana *está* sólida.

Neste exemplo podemos verificar a possibilidade de substituição do verbo *estar* pelo verbo *ser*, porém, o significado é alterado na medida em que *estar* indica uma qualidade transitória ou temporária, enquanto *ser* indica atribuição de uma qualidade de maior duração. Temos então uma discussão aspectual, que remete para a temporalidade presente no verbo *estar*.

Nas frases de (01) a (12) demonstramos apenas alguns exemplos das ocorrências de *ser* e de *estar* encontradas ao longo do nosso levantamento de usos. Naturalmente, estes modelos de frases não esgotam as possibilidades, haja vista que, como já mencionamos, estes verbos estão entre os mais frequentemente utilizados no português.

Também é objetivo deste trabalho analisar os usos e ocorrências do verbo *sein* do idioma alemão e compará-los (contrastar) com os verbos *ser* e *estar*. Certamente encontraremos semelhanças entre as ocorrências com o *sein* e os dois verbos do português aqui analisados, já que o *sein* é considerado pelas gramáticas do alemão como o verbo copulativo por excelência. Analogamente ao português, também no alemão é grande a quantidade de estruturas em que este verbo está presente. Cabe-nos identificá-las e agrupá-las conforme as características sintático-semânticas da construção em que participam.

A título de ilustração podemos verificar os seguintes exemplos:

(13) Stimmengewichtung, qualifizierte Mehrheitsentscheidung, Kommissionsstärke, die institutionelle Mechanik europäischer Macht ist kompliziert und oft nur schwer erklärlich.⁸⁹

Em (12) verificamos a ocorrência de uma estrutura predicativa/atributiva. Dois adjetivos, *kompliziert* (complicado) e *schwer erklärlich* (dificilmente explicável) qualificam um mesmo nome. Ambos os adjetivos têm relação (morfológica e semântica) com os verbos *komplizieren* e *erklären*, sendo que o primeiro tem a forma do particípio passado do verbo (*Parzip Perfekt*) e é nitidamente um adjetivo que resulta de um processo, implicado no significado do verbo; já o segundo adjetivo é composto por dois termos, dois adjetivos, que formam um SN. A

⁸ Faremos tradução livre dos exemplos apresentados neste trabalho.

⁹ “Peso do voto, decisão da maioria qualificada, força da comissão, a mecânica institucional do poder europeu é complicada e não raro difícil de explicar”.

qualidade é atribuída ao nome por este SN. Se isolados, os adjetivos não têm o mesmo significado dado pelo sintagma. É interessante o fato de que o SN que define o segundo adjetivo (*schwer erklärlich*) poderia ter sido empregado de forma distinta, a saber, *schwer* (adjetivo) *zu* (partícula) *erklären* (verbo), a partícula *zu* acompanha o verbo no infinitivo, semelhante a: *Das Problem ist leicht zu lösen* (o problema é fácil de resolver). Na frase (13) ocorre nominalização do verbo *erklären*, a partir do qual formou-se um adjetivo: *erklärlich* (*explicável*). O uso do verbo *erklären* adicionaria um segundo predicado (P2) à estrutura sintática que conta com apenas um predicado (P1), estendendo-a para: “*die institutionelle Mechanik europäischer Macht ist kompliziert und oft nur schwer zu erklären*”. Ao invés de uma estrutura complexa, foi usada uma estrutura simples. Como o conteúdo significativo não sofre grande alteração, podemos entender que a opção do falante/escritor baseia-se no princípio da economia da língua. Para definir “a mecânica do poder”, a estrutura sintática se vale de dois outros adjetivos, colocados em posição adnominal, ou de epíteto, são eles: *institutionell* e *europäisch*, acompanhados das declinações correspondentes. Neste trabalho tecemos comentários a respeito do adjetivo adnominal, embora este não seja o nosso objeto de estudo.

O verbo *sein* tem função copulativa entre nome e adjetivos qualificativos. Adiante analisamos este tipo de estrutura mais detalhadamente.

(14) Mein Wahllokal *ist* neu.¹⁰

O adjetivo em (14) pertence a um grupo de adjetivos distintos dos encontrados em (13). Este adjetivo tem características que o classificam tanto como *+hum* quanto *-hum*, e pode atribuir qualidade a nomes também *±hum*.

(15) "Kooperation" zwischen den Regierungen *ist* sein Schlüsselwort, nicht aber supranationale Integration.¹¹

O exemplo (15) é um modelo de frase semelhante ao que encontramos no exemplo (1), do português, em que *ser* aparentemente iguala dois substantivos. Da mesma forma temos o

¹⁰ “Meu local de votação é novo”.

¹¹ “‘Cooperação’ entre os governos é sua palavra-chave, mas não integração supranacional”.

verbo *sein* como cópula entre dois nomes, levando a uma relação de aproximação entre duas entidades:

"Kooperation" zwischen den Regierungen = Schlüsselwort
(Cooperação entre os governos é a sua palavra-chave)

O pronome possessivo *sein* (*sua*) tem papel sintático-semântico parecido ao exercido pelo pronome indefinido do exemplo (1).

(16) Das Foto auf dem Wahlplakat *ist* in diesem Jahr zum ersten Mal nicht von meiner Frau gemacht.¹²

Em (16) temos um exemplo do uso do verbo *sein* para formação da voz passiva de estado.

(17) Der zweite *ist* am Rotkreuzplatz, der dritte im Olympiaeinkaufszentrum.¹³

(18) Um sechs *bin* ich auf der Wahlparty in der Nachtgalerie.¹⁴

O exemplo (17) traz o verbo *sein* com função locativa, ou seja, para identificação / definição da localização física do nome/sujeito. O mesmo se passa no exemplo (18). Tanto em (17) quanto em (18) o verbo *sein*, que em português se traduz pelo *ser*, cumprem a mesma função locativa do verbo *estar*, do português.

Embora exista uma tendência à tradução do verbo *sein* pelo seu correspondente imediato no português, o verbo *ser*, verificamos que esta prática muitas vezes gera conflitos, pois há muitos casos nos quais o verbo *ser* não é o adequado. O aprendiz do alemão relaciona imediatamente o *sein* com o *ser*, desconsiderando a possibilidade de uso do verbo *estar*.

(19) Am Abend *ist* Kuratoriumssitzung des Kulturforums der SPD.¹⁵

Em (19) o verbo *sein* não tem função locativa, ou atributiva, ou mesmo auxiliar. Nesta frase, o *sein* toma o lugar de um outro verbo: *stattfinden* (ter lugar, acontecer). A estrutura define o horário em que a reunião (evento) acontecerá. O advérbio de lugar é complemento do verbo *sein*. Em português diríamos: *A reunião é à noite*. Observa-se que a definição da condição

¹² "A foto no cartaz eleitoral pela primeira vez neste ano não é feita pela minha mulher".

¹³ "O segundo está na praça Rotkreuz, o terceiro no centro de compras Olympia".

¹⁴ "Às seis estou na festa eleitoral na galeria Nacht".

¹⁵ "À noite é a reunião do conselho administrativo do Forum de Cultura do SPD".

temporal da estrutura (19) é o SN *am Abend* (*à noite*), de modo semelhante à indicação de local em (17) e (18): determinado pelas preposições *an* e *auf* que em alemão também definem localização ou direção. Em caso de localização (no espaço ou no tempo), exige-se declinação no dativo.

As estruturas apresentadas nos exemplos citados neste tópico ilustram a variedade e a complexidade dos três verbos, *ser*, *estar* e *sein*, cujos usos na linguagem suplantam a idéia de que são apenas verbos de ligação e, portanto, desmerecedores de maior atenção por parte dos estudos lingüísticos. Nossa intenção é também apontar uma possível reflexão sobre a forma de análise das estruturas copulativas, de modo a permitir a descrição do sistema atributivo do português, como já ocorre em espanhol, destacando apenas os verbos *ser* e *estar*, objetos de estudo desta pesquisa, ao dar novo *status* a estes verbos (cf. Ruiz, 1963).

2. Pressupostos teóricos aplicados ao estudo

A questão da análise sincrônica dos usos de dois dentre os verbos mais frequentes do sistema atributivo da língua portuguesa, *ser* e *estar*, resvala em uma concepção teórica praticamente irrefutável que entende as construções com tais verbos com base apenas na função copulativa do verbo, mantendo-as nos limites da análise sintática clássica, isto é, como verbos essencialmente de ligação, presentes em frases predicativas/copulativas. Este enfoque teórico analisa igualmente frases com outros verbos, como, por exemplo, *permanecer*, *ficar*, *tornar-se*, que também fazem parte do sistema atributivo da língua, e os considera verbos de ligação, ou copulativos, por cumprirem o papel de ponte entre o nome/sujeito e o adjetivo/predicativo. Esta abordagem nivela frases como as que lemos em (20), (21) e (22):

(20) a. Catarina *é* feliz.

a. Catarina *está* feliz.

(21) a. As mulheres permaneceram caladas.

(22) b. As mulheres *estavam* caladas.

(23) a. 11% das delegacias *estão* no norte.

- a. 11% das delegacias ficam no norte.

Porém, o falante do português detém o conhecimento da língua e por isso reconhece a diferença entre as frases dos itens a. e b. acima. Esse conhecimento se dá porque a comunicação ultrapassa o mero significado das palavras e inclui elementos menos evidentes na língua. Parte do que tanto o falante quanto o ouvinte expressam é baseado também na sua intenção, no conhecimento que ambos têm a respeito do fato expresso, na sua formação individual, no seu conhecimento de mundo, no contexto de fala em que a frase participa. A análise será mais completa e fará mais sentido se contemplar, além da função sintática, considerações de ordem sintático-semânticas.

Em frases com adjetivo poderia ocorrer ainda o acréscimo de um elemento modificador que alteraria o seu sentido geral. Como podemos conferir em (24) a. e b.

- (24) a. Catarina *é novamente* feliz.

- a. Catarina *está novamente* feliz.

Se em (24) o adjetivo fosse outro, *doente*, por exemplo, poderia haver inconsistência semântica pelo acréscimo do modificador *novamente*. É possível dizer: *é / está doente* e *está novamente doente*, mas *é novamente doente* seria um enunciado recusado pelo ouvinte/receptor. O adjetivo *feliz* reflete um estado de alma, que pode ser associado a ambos os verbos, mas *doente* reflete uma condição, física ou não, que é temporária com o verbo *estar*, mas definitiva com *ser* e, por ser definitiva, afasta o indicador de repetição: *novamente*.

Também o exemplo (21), acima, pode ser modificado, como em (25):

- (25) a. As mulheres permaneceram *o dia todo* caladas.

- b. ? As mulheres *estavam o dia todo* caladas.

O sintagma modificador *o dia todo* é capaz de agregar valor semântico quando o verbo é *permanecer*, mas no caso do verbo *estar* a frase torna-se truncada; a informação oferecida pelo modificador não agrega valor semântico ao enunciado porque o seu significado não é compatível com o significado expresso pelo verbo.

A análise sintática clássica desconsidera avaliações de ordem semântica em frases como as expostas acima.

Há, entretanto, uma exceção feita à questão da distinção em língua portuguesa entre os verbos *ser* e *estar* em sentenças com adjetivo ou advérbio. Os estudos publicados sobre este tema em português na verdade são poucos e concentram-se em parte do problema; em geral enfocam a oposição entre *ser* e *estar* via análise do aspecto verbal, contrapondo os dois verbos com base em noções de *perfectivo* x *imperfectivo*; além da caracterização semântica fundamentada em contrastes como *inerência* x *permanência*, *essência* x *acidente*, e na idéia de *resultado* e *limite de duração*. No exemplo (20) acima podemos conferir os traços: essencial, com verbo *ser*, ou acidental, com verbo *estar*.

Veremos que o estudo sobre o aspecto verbal é decisivo para distinção dos usos dos verbos *ser* e *estar* em boa parte das frases com adjetivo. Porém, entendemos que o problema não se restringe a esta questão de oposição aspectual entre estes verbos, uma vez que eles ocorrem também em outros tipos de frases que não podem ser analisadas com base no aspecto verbal. Vejamos o exemplo (26).

(26) a. Mas ele *é* um brigador.

b. * Mas ele *está* um brigador.

A palavra *brigador* aqui é usada no lugar de *lutador*, para caracterizar alguém que se esforça para superar dificuldades e alcançar seus objetivos e que provavelmente o faz de modo agressivo, aguerrido. Este termo pertence a um grupo de adjetivos que não aceita construções com o verbo *estar*.

Há ainda frases que caracterizam ou identificam pessoas ou coisas, e outras descrevem estados, acontecimentos, processos, etc. A frase (27), por exemplo, descreve uma situação, um estado de coisas originado por um processo de mudança.

(27) A aglomeração dos camelôs nas condições atuais é um chamariz para criminosos de todo tipo.

De modo semelhante ao exemplo (1), aqui não se pode considerar, em termos sintático-semânticos, que o nome *aglomeração* constitua uma relação de igualdade com o nome *chamariz*. A aglomeração de camelôs relatada na frase descreve um processo que gerou uma situação descrita como o agravamento de um problema (a existência dos camelôs). Como o termo *aglomeração* implica um local, mesmo que este esteja apenas implícito, entende-se que o local onde os camelôs se aglomeraram tornou-se ponto de atração para criminosos, facilitando-lhes a atuação.

? (A) aglomeração dos camelôs = (um) chamariz para criminosos

(1) O recrudescimento da tuberculose é um problema mundial.

? recrudescimento da tuberculose = problema mundial

Em (1), *recrudescimento* e *problema* também não são entidades que possam ser igualadas, uma não se identifica diretamente com a outra. Mas podemos, ou antes, precisamos, interpretar a frase da seguinte maneira: o problema (já existente) da tuberculose tornou-se um problema mundial à medida que o seu ressurgimento se deu com maior intensidade, além de apresentar sintomas mais fortes, mais graves à saúde humana. O próprio significado do termo *recrudescimento* indica um processo, tal processo gerou uma frase como em (1), cujo verbo conjuga-se no tempo presente. Poderíamos ainda pensar nos seguintes termos: a tuberculose recrudescceu e tornou-se um problema de escala mundial. Vale mencionar que tanto o termo *aglomeração* quanto *recrudescimento* são nominalizações de verbo (*aglomerar*, *recrudescer*). Se reescritas, as frases (1) e (27) se pareceriam com as seguintes:

A tuberculose recrudescceu. O problema agravou-se (estendeu-se para uma escala mundial).

A tuberculose recrudescceu, contribuindo para o agravamento do problema para nível mundial.

Os camelôs se aglomeram (em algum local). Isto atraiu os criminosos, agravando o problema.

Os camelôs se aglomeraram, tornando o local chamariz para criminosos de todo o tipo.

Embora seja descrito um estado de coisas, o verbo *estar* não se aplica às frases (1) e (27), nas quais verifica-se uma relação de causa/conseqüência. Neste caso, o aspecto verbal não é adequado para analisar as frases e explicar a opção pelo verbo.

A tarefa de analisar e descrever as estruturas com os verbos *ser* e *estar* implica em identificar, na lingüística moderna, elementos teóricos que embasem uma sistematização que possibilite compreender as relações sintático-semânticas presentes nestas estruturas frasais do português. A gramática tradicional normativa é a que mais se dedica a essas estruturas, porém responde apenas parte da questão e não se detém em uma análise mais cuidadosa dos casos.

Se cada teoria é capaz de desfazer apenas um nó do problema, então temos de buscar outras correntes de pensamento que nos dêem o embasamento teórico necessário à continuidade na busca por respostas às questões que se apresentam. Assim, adotamos como base deste trabalho duas grandes correntes teóricas, que atualmente são defendidas por representantes da moderna lingüística alemã, a saber: i) a teoria da valência, também conhecida como gramática de dependência, e ii) a semântica da frase, ou *Satzsemantik*, de Peter von POLENZ.¹⁶ Além das teorias apresentadas em i) e ii), nos baseamos em idéias já sedimentadas no português como no caso do já mencionado aspecto verbal para descrever as distinções de boa parte das ocorrências dos verbos *ser* e *estar*.

2.1 Teoria da valência

A teoria da valência, amplamente divulgada pela moderna lingüística alemã, foi desenvolvida inicialmente nos anos sessenta por TESNIÈRE¹⁷, e sua principal contribuição é a descrição sistemática das relações entre o verbo e os actantes, que são os complementos obrigatórios e os circunstantes, que são os complementos facultativos. Da sua teoria da valência depende em menor ou maior grau toda a teoria da gramática de dependência. O ponto de partida dessa teoria é a concepção de que algumas categorias de palavras, estabelecem uma relação de dependência com outras palavras ou outras categorias de palavras. Esta relação é hierárquica, isto é, a palavra que rege a relação de dependência é portadora de valência e se coloca em

¹⁶ POLENZ, Peter von. *Deutsche Satzsemantik: Grundbegriffe des Zwischen-den-Zeilen-Lesens*, Sammlung Göschel; 2226, Walter de Gruyter, Berlin, 1985.

hierarquia superior em relação às outras. Inicialmente, a teoria da valência foi observada sobretudo em uma classe de palavras, o verbo, porém as pesquisas mais recentes consideram portadores de valência pelo menos duas outras categorias de palavras: o adjetivo e o substantivo e alguns advérbios.¹⁸

Para compreensão da idéia desenvolvida por TESNIÈRE é necessário levar em consideração que para ele: 1) existem quatro categorias de palavras, as quais ele chama “Plenas”, que possuem de fato uma função semântica: verbo, substantivo, adjetivo e advérbio, cujo significado é indicado sob o aspecto referencial (referem-se a elementos da realidade) e intencional (que representa os conceitos). 2) O verbo representa o processo, e o substantivo a *substância*. Ambas expressam tanto a noção concreta quanto a abstrata. 3) as palavras podem transitar de uma classe de palavras a outra; um verbo, por exemplo, pode ser convertido em substantivo ou em adjetivo.¹⁹

TESNIÈRE baseou-se em uma ciência exata, a química, para desenvolver um modelo que descrevesse a exigência dos verbos por determinados complementos. Esta capacidade que o verbo possui de atrair complementos foi comparada metaforicamente ao que em química denomina-se camada ou nível de valência, que é a capacidade que um átomo tem de, sob determinadas condições, perder ou ganhar elétrons e assim unir-se, em condições estáveis, a outro átomo e formar uma molécula. De modo análogo, o verbo estabelece com outros termos uma relação de dependência e forma com eles estruturas completas, plenas de sentido. Os conceitos gramaticais tradicionais de regência, transitividade e intransitividade se mostraram insuficientes para esclarecer boa parte das ocorrências verbais, uma vez que se concentram nas relações sintáticas e possuem forte orientação morfológica.

¹⁷ TESNIÈRE, L, *Élément de syntaxe structurale*, Paris, 1976

¹⁸ conf. Polenz, Borba, Heringer, Helbig

¹⁹ EROMS, Hans-Werner, p. 76-77.

2.1.1 Valência verbal

A idéia central da teoria da valência inicialmente desenvolvida por TESNIÈRE situa-se no verbo, que é considerado o núcleo da frase, em torno do qual gravitam os outros componentes. WELKE²⁰ esclarece a respeito que:

“Als von besonderer Wichtigkeit und als Durchbruch zu einer prinzipiell neuen Betrachtungsweise wird jedoch gewöhnlich, dass bei Tesnière das Subjekt seinen Sonderstatus gegenüber den Objekten einbüßt, da es wie diese den Status einer Ergänzung (eines Aktanten) des Verbs erhält“.²¹

A idéia de bipartição entre sujeito e predicado para análise da frase perde o lugar para a idéia da legitimidade do verbo como elemento central a partir do qual se processa a análise. Os complementos exigidos pelo verbo foram chamados por TESNIÈRE de actantes; e o verbo, classificado conforme o número de actantes que o circundam, será então um verbo de valência zero (ele é avalente), um (ele é monovalente), dois (ele é bivalente), ou três (ele é trivalente), como nos casos seguintes: um verbo como *chover*, no português, tem valência zero, pois ele não exige nenhum complemento, é possível a frase: *Choveu!* Verbos como *chorar* têm valência um, exigem apenas um complemento: *ele (1) chorou*, o verbo *comprar* dois: *ele (1) comprou um carro (2)*, e o verbo *entregar* três: *O bandido (1) entregou a arma (2) ao policial (3)*. Os actantes preenchem os espaços para dar sentido ao verbo, sendo que um termo só pode ser um actante se for exigido pelas características semânticas próprias do verbo. Por outro lado, os complementos não obrigatórios, ou facultativos, são denominados circunstantes; estes não são exigidos para dar sentido completo ao verbo, eles complementam a idéia com uma informação adicional. Em *ele comprou um carro para o irmão*, há uma informação complementar, *para o irmão*, que é um circunstante; tal informação pode ser retirada da frase sem que esta perca o sentido.

No caso do verbo *entregar*, para que o sentido seja completo, é necessário responder fundamentalmente três perguntas: *quem? o que?, e a quem?* Cada resposta preencherá um

²⁰ WELKE, Klaus M., *Einführung in die Valenz- und Kasustheorie*, Bibliographisches Institut, Leipzig, 1988, p. 12

espaço vazio (ou casa vazia) pertinente ao significado do verbo. Este preenchimento poderá ser feito basicamente por um termo, ou expressão, denominado em alemão *Ergänzung* (complemento), ou por outro termo chamado *Angabe* (adjunto)²². Não existe ainda, em alemão, unanimidade entre os lingüistas quanto a uma definição que identifique e separe com precisão o que é *Ergänzung* e do que é *Angabe* em uma frase. A distinção entre ambos é ainda pouco clara e a teoria da valência também não dá conta desta distinção com precisão.

Existem complementos verbais que são nitidamente obrigatórios e outros que parecem não obrigatórios. Um complemento é considerado obrigatório se a sua presença é imprescindível para compreensão do sentido do verbo; ele é um actante, já o termo que pode ser eliminado sem que o sentido do verbo se perca, é chamado circunstante/*Angabe*²³.

Esta questão de preenchimento dos espaços ou casas vazias é de natureza sintático-semântica. WELKE a denominou valência quantitativa, já que para ele esta se relaciona diretamente ao número de complementos do verbo. As características de ordem semântica, implicadas tanto nos complementos (*Ergänzung*) quanto nos adjuntos (*Angabe*), WELKE denomina valência qualitativa.²⁴ Ele comenta o fato de que há autores que consideram o conceito de valência, com base na gramática estrutural, apenas do ponto de vista sintático, enquanto que para outros, como ele próprio, o conceito é primordialmente semântico. É um fato a se destacar que entre as diferentes abordagens da teoria da valência os autores geralmente oscilam entre a influência da gramática estrutural, que coloca a sintaxe em primeiro plano, e uma concepção com base na semântica.

GÄRTNER²⁵, em sua Gramática da Língua Portuguesa, também considera o verbo, ou predicado, como o centro estrutural da frase, privilégio dado pelas características sintático-semânticas dos elementos que preencherão os espaços ou casas vazias. Este autor diferencia *Stelligkeit* (colocação) de *Wertigkeit* (valência). O primeiro conceito define o tipo de

²¹ “Como importância especial e como avanço a uma abordagem a princípio nova, é todavia usualmente enfatizado que com TESNIÈRE o sujeito perde seu status especial diante do objeto, já que, como este, ele adquire o status de um complemento do verbo”, p. 12.

²² A tradução do termo *Angabe* como adjunto não é perfeita, uma vez que os termos nem sempre correspondem à mesma coisa nas duas línguas. Além disso, existe o fato de que os estudos sobre a distinção entre o que é *Ergänzung* e o que *Angabe* na gramática alemã nem sempre são conclusivos. Como não é nosso objetivo discutir esta questão neste trabalho, manteremos esta tradução.

²³ Os termos actante e circunstante são dados por HELBIG .

²⁴ WELKE, p. 15.

argumento que preenche as casas vazias, estes argumentos estão incorporados semanticamente no verbo, por exemplo: serrar = cortar com serra. Em geral não é necessário dizer: *alguém serrou alguma coisa com uma serra*. O segundo conceito (*Wertigkeit*) refere-se aos argumentos que o predicado fixa como *Satzglieder* (elemento da frase), e neste caso distinguem-se quais são os elementos obrigatórios (*obligatorische Valenzpartner*) e quais são os facultativos (*fakultative Valenzpartner*). GÄRTNER acrescenta ao predicado uma quarta valência. Ele cita o verbo *vender* em: *João vendeu seu carro por um preço razoável a um amigo*, como exemplo de verbo de valência quatro. No entanto, ele diferencia quais elementos, neste caso, são obrigatórios e quais são facultativos. Esta diferença é dada através da resposta a: quais e quantas das unidades são semanticamente motivadas e, a partir disso, sintaticamente obrigatórias para construção da frase. Para o exemplo, ele afirma que o verbo *vender* é semanticamente um verbo de quatro casas vazias, porém sintaticamente de apenas duas, porque basta a frase: *João vendeu o seu carro* para que exista sentido completo. Além disso, a valência sintática determina a função sintática das correspondentes casas vazias.

Dentre as características mais comuns da valência verbal também estão:

1. O verbo exige e/ou atrai para si um determinado número de complementos, obrigatórios e outros facultativos, que mantêm com este relação de dependência, de maior ou menor grau.

Ele (obrigatório) comprou *um carro* (obrigatório) *para o irmão* (facultativo).

2. As características morfossintáticas dos complementos dependem do verbo.

Ele (Nome/Sujeito) comprou *um carro novo* (Complemento/Objeto direto: Artigo / Nome / Objeto / adjetivo) *para o irmão* (complemento preposicional: Preposição /Artigo / Nome)

3. As características semânticas dos complementos são condicionadas pelo verbo. Um verbo não aceita qualquer termo como seu complemento. Por exemplo, o verbo *comprar* exige como

²⁵ GÄRTNER, E, (p.14-16 , 109)

complementos um sujeito cujas características semânticas permitam praticar a ação definida no verbo, e como objeto um complemento que possa sofrer esta ação, estes serão +/-anim, +/-hum. Tais complementos também representam papéis semânticos: agente, paciente, causativo, locativo, diretivo etc.

4. Sujeito e predicado não são mais o ponto de partida para compreensão de uma frase, ambos se tornam igualmente complementos do verbo.
5. A relação de dependência entre os termos da frase não é linear, é hierarquizada, isto é, o termo central é hierarquicamente superior aos outros termos que o complementam. EROMS explica:

“‘Dependenz’ ist ein rein hierarchischer Begriff. ... Es kommt der Dependenzgrammatik darauf an, die hierarchischen Beziehungen zwischen den Wörtern zu erfassen, das heißt, zu bestimmen, welches Wort von Welchem abhängig ist bzw. welches Wort welches andere dominiert oder regiert.”²⁶

O desenvolvimento da teoria de valência agregou novas idéias ao problema da análise das construções frasais e trouxe importantes contribuições à sua descrição lingüística. Existe em alemão um vasto material oferecido para estudos de frases com base na gramática da valência ou gramática de dependência. Também no Brasil há pesquisadores, BORBA²⁷ é um dos precursores, que aplicam a teoria à língua portuguesa.

A preocupação central da teoria da valência é o estabelecimento de modelos ou padrões de combinação sintática e semântica em uma frase. O próprio WELKE²⁸ resume o termo da seguinte forma:

²⁶ “‘Dependência’ é um conceito puramente hierárquico. ... Compreender as relações hierárquicas entre as palavras depende da gramática de dependência, isto é, determinar qual palavra é dependente de outra, assim como que palavra domina ou rege qual outra”, p. 78 e 81.

²⁷ BORBA, Francisco S., *Uma gramática de valências para o português*, Ática, São Paulo, 1996.

²⁸ Welke, p 19.

“Valenz ist ... der zusammenfassende Begriff für alle in einem Wort enthaltenen Informationen über die Kombinierbarkeit dieses Wortes mit anderen Wörtern im Satz.“²⁹

2.1.2. Valência do adjetivo

Adjetivo é a categoria de palavras responsável pela descrição ou caracterização de qualidades ou valores a outra classe de palavras, o substantivo. Em termos sintáticos é usado comumente em posição adnominal, constituindo com o substantivo um sintagma nominal, ou em posição predicativa, vinculando-se ao nome por meio de um verbo do sistema atributivo, chamado de verbo de ligação, (*ser, estar, ficar, tornar-se etc.*). Em português, em ambos os casos, o adjetivo é flexionado e combina com o substantivo em gênero e número, sendo que o adjetivo em posição adnominal pode ocorrer tanto em anteposto como posposto ao nome. O sintagma sofre alteração semântica conforme a posição do adjetivo, assim *homem pobre* e *pobre homem* se diferenciam no sentido; já em outro sintagma como *leitura rápida* e *rápida leitura*, a percepção da distinção semântica dependerá em grande parte do contexto. *Rápido* pode significar algo feito às pressas, neste caso teríamos em *leitura rápida* corresponde a ler rapidamente, o advérbio pode substituir o substantivo (feitas as devidas alterações na frase), ou pode ainda significar algo feito sem dedicação, sem o devido empenho. Este fenômeno não é válido para todo o conjunto dos adjetivos, há casos em que o adjetivo parece recusar esta inversão de posição, como é o caso do adjetivo *inteiro*: *vida inteira* / * *inteira vida*. Um caminho para uma possível explicação dessas distinções pode ser o da topicalização. Porém, este trabalho não se propõe a ser um estudo exaustivo do adjetivo. O conhecimento já desenvolvido sobre esta classe de palavras nos será valioso para compor parte da presente descrição dos usos dos verbos *ser, estar* e *sein*. Isso será colocado em capítulo adiante dedicado aos usos atributivos estes verbos, mais precisamente nos usos com adjetivo.

No alemão, o adjetivo também ocorre em posição predicativa, *Das Haus ist rot*, e adnominal, neste caso somente anteposto ao nome e flexionado (declinado), *das rote Haus*.

²⁹ “Valência é ... o conceito para todas as informações contidas em uma palavra sobre a capacidade de combinação (*combinabilidade*) desta palavra com outras palavras na frase.”

Há ainda outras possibilidades de ocorrência do adjetivo. No DUDEN³⁰, por exemplo, encontramos o uso adverbial do adjetivo em frases como: *Die Kinder schreien laut*, *Er läuft schnell*. Em casos como estes os adjetivos não são flexionados e são atribuídos ao verbo e não ao substantivo.

A teoria da valência se aplica à classe dos adjetivos porque estes, de maneira semelhante aos verbos, se submetem à análise sintático-semântica. É possível caracterizar de modo sintático e semântico os complementos do adjetivo. WELKE afirma que

“Wie bei Verben können Ergänzungen auch bei Adjektiven in Form von Nebensätzen, Infinitivkonstruktionen oder Nominalisierungen realisiert werden, also mit dem semantischen Merkmal ‚Sachverhalt‘ der betreffenden Ergänzung.”³¹

Também em termos de valência quantitativa e qualitativa existe paralelo entre verbos e adjetivos. WELKE esclarece que há adjetivos monovalentes, bivalentes e trivalentes, e, citando o dicionário de SOMMERFELD & SCHREIBER³², esclarece que a diferença, neste caso, entre verbos e adjetivos se dá pela inversão do maior número de complementos exigidos pelo verbo, e menor pelo adjetivo. Além disso, também o adjetivo apresenta a mesma divisão em complementos obrigatórios e facultativos, embora a maior parte dos complementos do adjetivo seja obrigatória; o sujeito é um complemento obrigatório para a quase totalidade dos adjetivos. As variações de significado dos adjetivos também influem nas características dos complementos. O adjetivo *hoch*, assim como outros adjetivos que indicam medida, tem dois complementos e ambos são obrigatórios; o segundo complemento é obrigatório porque sem ele o sentido estaria incompleto para o ouvinte/receptor: *Das Haus ist hoch* / *Das Haus ist 20 m hoch*.

De modo geral, podemos entender que os adjetivos correspondem em grande parte à expressão de considerações ou juízos de valor que oscilam entre a objetividade e a

³⁰ DUDEN, *Grammatik der Deutschen Gegenwartssprache*, vol. 4, Dudenverlag, Leipzig, 1998.

³¹ “Como no caso dos verbos, complementos também podem ser realizados com adjetivos na forma de orações subordinadas, construções infinitivas ou nominalizações. Portanto, com a característica semântica do ‘estado de coisas’ do referido complemento.”

³² SOMMERFELDT, K., SCHREIBER, H., *Wörterbuch zur Valenz und Distribution deutscher Adjektive*, Leipzig, 1974.

subjetividade, e por isso mesmo, as avaliações podem ser relativas. As frases *Paulo é médico* e *Aquele médico é um monstro* não podem ser classificadas igualmente. Embora sejam originalmente dois substantivos (aqui com sentido de adjetivo), os termos *médico* e *monstro* devem ser compreendidos no conjunto da frase. *Médico* é usado com sentido objetivo, expressa profissão, porém *monstro* é usado em sentido subjetivo e carregado da conotação negativa que o termo pode conter.

É possível situar os adjetivos em grupos de significação a partir do seu valor semântico. As gramáticas costumam dividir os adjetivos inicialmente entre classificadores e qualificadores. Um adjetivo como *médico* situa-se, por esta divisão inicial, entre os classificadores. Já um adjetivo do tipo *alto* é um qualificador, isto é, ele atribui uma qualidade a um ente qualquer. Os qualificadores são ainda subdivididos em grupos como adjetivos de medida, pátrios, de cor etc.

Os adjetivos se classificam ainda de acordo com as características que expressam e com o nome sobre os quais incidem, podendo apresentar traços +/- *hum* ou +/- *amin*. Portanto, a valência qualitativa, ou semântica, do adjetivo remete, em grande medida, ao tipo de complemento que o acompanha. Os traços semânticos explicam a compatibilidade ou incompatibilidade entre os constituintes de uma frase.

2.1.3 Valência do substantivo

Um das questões da valência do substantivo é a sua dependência em grande parte da análise da origem do nome. Há um grande número de substantivos, em geral abstratos, derivados de verbos: *recebimento, recepção / receber, entrada / entrar, trabalho / trabalhar, apoio / apoiar, construção / construir*, etc. e outros derivados de adjetivos: *o belo, o grande, o vermelho*, etc. Tais nomes aparecem com muita frequência como núcleo de sintagmas como: *a construção do prédio, a entrada do jogador no time, o vermelho da rosa*. Os substantivos aceitam mais de um complemento, que são ligados ao nome por meio de preposições. É possível ampliarmos os sintagmas como os acima da seguinte maneira: *a construção do prédio pelo engenheiro*. Se o reescrevemos, podemos ter as seguintes frases: *a construção do prédio pelo engenheiro / o engenheiro construiu o prédio*. O grau de adesão do substantivo

analisado é nitidamente mais forte entre este e o complemento introduzido pela preposição *de*. Quanto ao aspecto da valência qualitativa do substantivo, remetemo-nos ao que WELKE descreve sobre os substantivos lexicalizados (de origem verbal). Para ele a nominalização acolhe perfeitamente a questão da economia da língua, o que parece mais cômodo à comunicação. Uma peculiaridade da valência qualitativa destes substantivos lexicalizados em alemão é o emprego do genitivo. E a análise dos traços semânticos desses substantivos implica voltar ao verbo, em cujos complementos pode-se identificar tais traços com facilidade. O verbo *construir*, o sintagma *a construção do prédio pelo engenheiro*, por exemplo, pode ser assim reescrita: *o engenheiro construiu o prédio*, o verbo exige dois complementos, um +*hum* e outro –*hum*.

2.1.4 Aplicação da teoria da valência

O presente trabalho baseia-se também nos conceitos de valência como uma fonte teórica à análise sintático-semântica das estruturas com os verbos *ser*, *estar* e *sein*. Esta teoria não privilegia apenas o aspecto sintático ou o semântico de uma construção, mas aplica ambos praticamente ao mesmo tempo, e possibilita agrupar as estruturas de acordo com as suas características sintático-semânticas.

Entretanto, como qualquer outra teoria, e principalmente pelo fato de estarmos diante de duas línguas, portanto de duas culturas distintas, a serem contrastadas sob determinado aspecto, a valência não cobre todos os casos que foram detectados durante a realização do levantamento de usos. Além da valência, é necessário recorrer a outros conceitos da teoria lingüística numa tentativa de desatar alguns nós que identificamos em um número razoável de frases com o uso dos verbos estudados. Estes verbos são largamente usados em ambas as línguas, e, como veremos, em uma diversidade de ocorrências.

Além da teoria da valência, nos valem dos conceitos do aspecto verbal, de noções sobre o papel do contexto, e o conceito de *Satzsemantik* (semântica da frase), desenvolvido por Polenz.

2.2 A questão do aspecto abordada por Cláudia T. G. de Lemos

Dentre as categorias verbais da língua portuguesa o aspecto nem sempre é abordado de acordo com a sua importância na língua, e é pouco mencionado nas escolas. Este fato gera uma deficiência que será suprida por critérios intuitivos, baseados no conhecimento que o falante nativo possui da língua portuguesa, já que as gramáticas muitas vezes se eximem de apresentar sistematicamente o aspecto verbal, considerando-lhe subsidiário da categoria tempo.

Em geral, o falante utiliza o aspecto no seu cotidiano sem, no entanto, ter noção da sua existência como fenômeno lingüístico. O falante comum, isto é, não acostumado aos estudos acadêmicos da língua, reconhece apenas as categorias de modo (indicativo, subjuntivo e imperativo), Tempo (presente, passado, futuro, e as respectivas subdivisões), voz (ativa e passiva), e também a pessoa do discurso (quem fala, para quem se fala e sobre o que se fala).

Há trabalhos de diversos autores publicados em português especificamente sobre o aspecto, embora a abordagem nestes trabalhos seja eminentemente gramatical, isto é, concentram a definição e caracterização do aspecto segundo os matizes semânticos presentes no verbo que expressam ação concluída (*perfectivo*), ação não concluída (*imperfectivo*) e duração. As principais considerações a respeito do aspecto são feitas por lingüistas e pesquisadores. Entretanto, observa-se que não existe unanimidade entre os autores a respeito do aspecto em português; há ainda alguns pontos obscuros nos estudos desta categoria, o que leva tanto à diferenciação da nomenclatura quanto a algumas considerações discordantes entre um autor e outro. Um exemplo disso, pode ser encontrado em COSTA³³, que chama atenção para a definição pouco cuidadosa das características que distinguem o *perfectivo* e o *imperfectivo*, levando à atribuição rígida de “expressão de fatos de curta duração”, de “fatos com limites”, pontuais ou momentâneos ao *perfectivo*, enquanto ao *imperfectivo* atribuem-se fatos “de longa duração”, ou de “duração ilimitada”, ou ainda “fato acabado”, quando, segundo suas considerações, “o que ocorre é que essas características estão presentes em alguns usos do *imperfectivo* ou do *perfectivo*, mas nenhuma delas é geral a todos os casos e por isso não servem para caracterizar, definir, conceituar a categoria”. Coincidente e definitivo entre os autores é a necessidade de se diferenciar o aspecto da categoria Tempo, dêiticamente

relacionada com a situação da enunciação e expressa morfologicamente. Não vamos nos ater à relevância dos estudos sobre dêixis, por ser este fenômeno bastante complexo, mas vale mencionar que a compreensão da noção de dêixis, em especial em relação ao paradigma de tempo, se faz importante para o entendimento do conceito do aspecto por oposição à categoria Tempo. A dêixis é responsável pela situação ou referenciação de um evento no tempo e no espaço em relação a um ponto de partida, o próprio falante. A partir de uma indicação de um sujeito que se denomina “eu” é que se determina e se situa o fato enunciado como anterior (ocorreu), simultâneo (ocorre), ou posterior (ocorrerá) ao instante em que o falante o pronuncia (em português, o passado e o futuro se subdividem, de modo a expressar o tempo com mais precisão). Costa refere que o Tempo e o aspecto são categorias para referência ao tempo físico.

Os autores que tratam do tema tempo e aspecto verbal diferenciam 1. a noção geral e abstrata de tempo (não-dêitica), 2. a categoria verbal Tempo que localiza um evento no tempo em relação a uma linha cronológica em que está presente o instante da enunciação, e, 3. o tempo flexional marcado internamente no verbo. São usadas notações diferentes para distinguir o termo; a notação Tempo, com inicial maiúscula, é utilizada por COSTA para se referir “à posição que os fatos referidos ocupam no tempo, *tomando como ponto de partida o ponto-dêitico da enunciação*”³⁴. Já Travaglia³⁵ prefere usar para esta mesma noção o termo em negrito (**tempo**). A unanimidade é a necessidade que os autores reconhecem de separar bem claramente as diferentes idéias que envolvem o termo, haja vista a proximidade que o conceito de aspecto mantém com a noção de tempo. Além disso, é necessário definir bem o objeto de estudo.

O aspecto refere-se, portanto, à categoria não-dêitica de tempo, isto é, o aspecto é definido como a categoria que descreve a ação verbal em relação ao momento da fala, refere-se ao tempo interno de um evento. Enquanto a categoria Tempo se estabelece em relação direta como o momento da enunciação, o aspecto descreve uma informação acerca da extensão temporal presente na ação, ou seja, o desenvolvimento e a duração implicados na realização da ação. A ação será considerada, portanto, no seu início, no seu fim, no seu andamento, em

³³ Costa (1997, 31-34)

³⁴ COSTA (1997:17)

³⁵ TRAVAGLIA (1981: 31-32)

determinado instante, ou em sua frequência. Consideremos a frase: *Li o livro todo* (ação acabada), ao a pronunciar desta forma, o falante deseja indicar uma ação ocorrida no passado, isto é, em uma posição anterior à do momento da fala na linha de tempo em que o próprio falante se encontra. Porém, se ele optasse por dizer esta frase: *Estive lendo o livro durante a noite inteira*, ficaria evidente a sua intenção de expressar não apenas o tempo passado, mas também o decorrer, o prolongamento, do evento. Neste caso, ele atrai o seu interlocutor para o “tempo interno” do fato.

Embora a manifestação do aspecto mediante a oposição perfectivo / imperfectivo seja a mais evidente e de mais fácil compreensão, o alcance do aspecto não se limita ao campo da expressão de tempo interno do verbo. As possibilidades são mais amplas, porque o aspecto também se manifesta no conteúdo semântico dos lexemas verbais. Há nos verbos uma informação que descreve a maneira como um evento ocorre. Através dela podemos fazer algumas classificações como as que se seguem: verbos pontuais, se houver indicação de que a ação nele é instantânea, como no verbo *chegar*, em oposição aos verbos durativos (ou cursivos), se houver um lapso de tempo que indique que a ação dura, como no verbo *observar*; verbos conclusivos, em que o processo é visto em seu término, como *concluso*, como em *leu, escreveu*; verbos incoativos, que marcam o princípio da ação, como em *florescer, amanhecer*; verbos progressivos, como *envelhecer*; verbos interativos, ou freqüentativos, ou intermitentes, que exprimem uma série de processos repetidos, como *saltitar, apalpar*; verbos permanentes, como *existir*; verbos terminativos, que exprimem o fim de uma ação ou processo, como *nascer*³⁶. Ao caráter semântico dos verbos podem-se somar as perífrases verbais, que são responsáveis por distinções aspectuais de caráter sintático, é o caso, por exemplo, de perífrases com gerúndio ou particípio de verbos, como em *estive trabalhando*.

Portanto, o aspecto é um fenômeno que pode ser expresso de forma morfológica (flexão), de forma sintática (pelo uso da perífrase), e pelo caráter semântico dos verbos. Ambos concorrem para produzir efeitos de caráter aspectual. É desse modo que, por exemplo, em uma frase como *estava a ponto de nascer* dá um caráter durativo ao verbo e atenua o seu caráter terminativo.

As considerações a respeito do aspecto feitas aqui não têm a intenção de caracterizar as oposições aspectuais entre as duas línguas, português e alemão; Na verdade, conforme já comprovado por Battaglia³⁷, o papel do aspecto no alemão não é tão importante como no português para a distinção entre pretérito imperfeito e pretérito perfeito, que, em alemão, é dada pela *Aktionsart*, ou modo de ser da ação. O aspecto verbal nos interessa porque atende, e com muita propriedade, à análise do caso da oposição em língua portuguesa entre os verbos *ser* e *estar*, cobrindo, como veremos pela análise dos exemplos, uma boa parcela dos casos.

O contraste entre os verbos *ser* e *estar* é um fenômeno pouco estudado em português, portanto um assunto ainda não esgotado. De certa forma, existe uma anuência entre os autores quando tratam da oposição entre estes verbos. A distinção entre ambos é feita com base na figura gramatical do aspecto, o verbo *ser* é identificado como verbo que denota permanência e o verbo *estar* como verbo que indica temporalidade, isto é, usa-se *ser* para atribuir uma qualidade permanente ao sujeito, enquanto *estar* serve para predicar uma qualidade transitória, originada em um processo de mudança ou passível de uma mudança. Esta é a distinção que podemos chamar de tradicional, pois, de modo geral, separa estes verbos em termos de permanência e transitoriedade. Porém, esta visão não atende a toda a gama de usos destes verbos e também não dá conta de responder aos aprendizes de língua portuguesa uma pergunta bastante simples, quando usar um ou outro destes verbos.

Para aliarmos a categoria de aspecto aos verbos *ser* e *estar* consideraremos neste trabalho, dentre outros fatores, o fato de que estes verbos são tradicionalmente entendidos apenas sob o ponto de vista sintático, tendo sua função copulativa sobreposta ao que denominamos de função atributiva³⁸. As propostas de classificação destes verbos apontadas nas gramáticas tendem a limitar-se às questões aspectuais (internas do verbo), conforme já mencionamos, o que demonstrou ser insuficiente para análise da ampla gama de usos de *ser* e *estar*.

³⁶ A nomenclatura e a classificação encontrada na literatura sobre o tema é variada. Muitos autores separam minuciosamente cada grupo verbal de acordo com os seus significados possíveis.

³⁷ BATTAGLIA, Ma. Helena V. Os tempos verbais do passado em alemão e em português. Tese de doutorado. FFLCH/USP. Mimeografado. São Paulo, 1997

³⁸ Entendemos que tratar os verbos copulativos como verbos atributivos dá a estes verbos valor semântico, o que contribui para diferenciar um verbo como *estar* de outro como *permanecer*. Se considerados apenas sob o aspecto sintático, contribuimos para o apagamento das distinções semânticas entre os verbos deste grupo.

3. Semântica da frase / *Satzsemantik*.

3.1. O conceito de *Satzsemantik* (semântica da frase) de Peter von Polenz

O conceito de semântica da frase que aplicamos neste trabalho é o conceito desenvolvido por POLENZ para análise de frases em língua alemã em sua obra denominada “*Deutsche Satzsemantik Grundbegriffe des Zwischen-den-Zeilen-Lesens*”³⁹. Seus estudos a respeito do comportamento da frase alemã são bastante extensos e complexos, e certamente supera nossa necessidade de encontrar apoio teórico para análise de frases, tanto em português como em alemão, em que ocorrem os verbos *ser*, *estar* e *sein*. Descreveremos a seguir o conceito de *Satzsemantik*.

Polenz define este conceito, que é relativamente novo na ciência da linguagem⁴⁰, a partir da idéia da transformação (*Umkehrung*) da sintaxe em semântica da frase (*Satzsemantik*) ocorrida à medida que a pesquisa científica avançou. Para ele, parte da responsabilidade dessa transformação é devida à inclusão da semântica no campo da gramática e parte à inclusão da semântica no âmbito da sintaxe. Na sintaxe tradicional o movimento, segundo Polenz, dava-se “de baixo para cima”, ou seja, dos limites da palavra para a frase, embora isso não significasse chegar à unidade da frase, ao seu todo. Com o advento da gramática gerativa de Chomsky e da teoria da valência de Lucien Tesnière, esse movimento passa a ser descendente, isto é, de “cima para baixo”, do todo para as partes, dando-se prioridade para a semântica. Também contribuiu para essa transformação o redirecionamento da perspectiva da semântica tradicional, antes considerada como um movimento que parte da expressão para o conteúdo e passa a ser vista como um movimento inverso, do conteúdo para a expressão. Como a prioridade passa a ser semântica e não mais morfossintaxe, a questão se transfere para o significado das relações expressas nas frases. Polenz faz questão de deixar claro que a *Satzsemantik* não é um método que pretende substituir a sintaxe; ambos são importantes e complementares entre si, pois conduzem à compreensão do todo: “*der Satzinhalt umfaßt wesentlich mehr als die Summe aller Satzbedeutungen*”⁴¹.

³⁹ “Semântica da frase alemã conceitos básicos da leitura nas entrelinhas”.

⁴⁰ Segundo Polenz, o conceito surgiu a partir das pesquisas científicas desenvolvidas nas décadas de 50 e 60.

⁴¹ “O conteúdo frasal abarca bem mais do que a soma de todos os significados da frase”.

O autor reconhece e aponta a contribuição valiosa de três das principais teorias lingüísticas reconhecidas como tributárias da *Satzsemantik* / semântica da frase: 1) a teoria da valência ou gramática de dependência; 2) a gramática gerativa transformacional (GTG); e 3) a pragmática. Essas teorias são fundamentais a compreensão do conceito de *Satzsemantik*.

A primeira, teoria da valência, da qual já tratamos acima, questionou o dogma da divisão da frase em sujeito e predicado, atribuiu ao verbo o papel semântico central na frase, e demonstrou que por meio dele é possível identificar os outros elementos, ou complementos que gravitam em seu entorno.

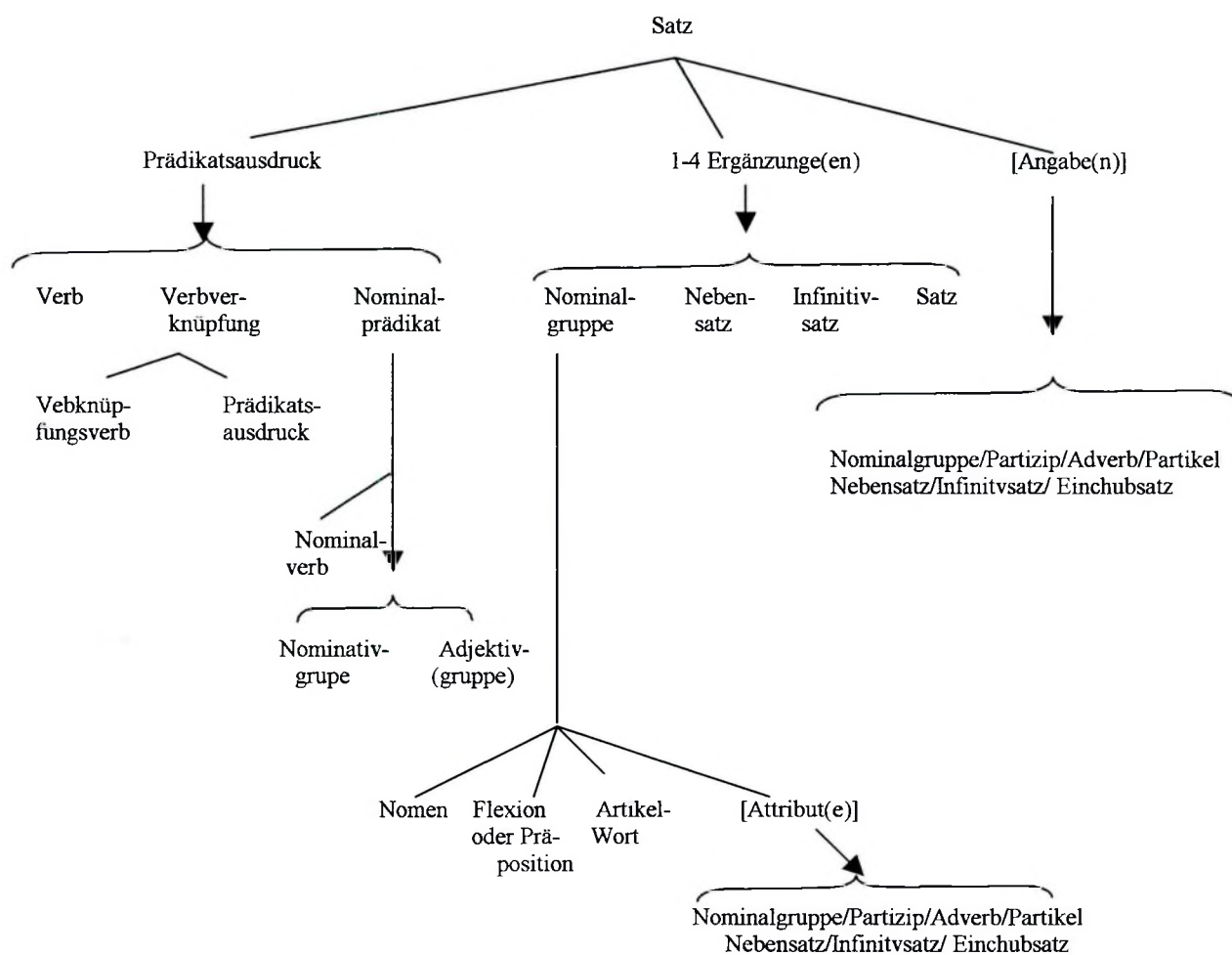
A segunda, a gramática gerativa transformacional (GTG), inovou com a idéia de estrutura de superfície, à qual corresponde uma estrutura profunda. Por meio deste modelo foi possível à gramática desvendar o mistério do fenômeno da ambigüidade de determinadas frases, por exemplo. Porém, Polenz critica esta gramática por ignorar a diferença básica entre forma e conteúdo, relegando à semântica um papel secundário na análise. Segundo sua afirmação, foi justamente por pretender unir gramática e semântica de forma muito direta, que esta teoria tornou-se muito abstrata, comprometendo sua aplicabilidade. Ao mesmo tempo, Polenz não deixa de reconhecer a sua contribuição: “Bleibender Gewinn aus der GTG ist jedoch die weitgehende Entwicklung von Methoden für die tiefergehende Analyse komprimierter Ausdrucksformen, vor allem in den Bereichen der Nominalisierung, der Attribuierung, der Verbgefüge, der Nebensatzeinbettungen und der Wortbildung.”⁴²

A terceira contribuição à *Satzsemantik* é oferecida pela pragmática. Esta se soma como componente da língua, junto ao componente semântico e ao componente sintático, já citados, oferecendo ao estudo a interpretação dos enunciados (ou frases) em seu contexto. Polenz não inclui os estudos pragmáticos como oposição aos estudos dos sistemas lingüísticos, mas sim como complementar a estes, pois a linguagem é o meio onde ocorrem as interações sociais, e através da qual se pode agir. Desse modo, é essencialmente importante para os seus estudos a *teoria dos atos de fala*, iniciada em 1962 por J.L. Austin⁴³ em sua obra *How to do things with*

⁴² “O ganho trazido pela GTG que permanece é contudo o amplo desenvolvimento de métodos para análise profunda de expressões compactadas, principalmente nas áreas da nominalização, da atribuição, da estrutura verbal, da colocação de orações subordinadas e da formação de palavras.”

⁴³ Austin, John L., *How to do things with words*, Oxford, 1962.

words, por J.R.Searly⁴⁴ (*Speech Acts*, publicada em 1969) e complementada por outros autores⁴⁵. Polenz distingue frase de conteúdo frasal. A diferenciação entre sintaxe e *Satzsemantik / semântica da frase* é demonstrada pelo autor por meio de dois modelos simples de construção de frase. O primeiro modelo Polenz busca na teoria sintática de Hans Jürgen Heringer, que é na verdade uma combinação da teoria da valência de Tesnière com o método de estruturas frasais da gramática gerativa transformacional em relação com os conceitos tradicionais de subordinação. O autor previne que o modelo reproduzido abaixo⁴⁶ que demonstra a constituição da frase não pretende ser uma formalização sintático-semântica, mas sim uma *Satzsemantik / semântica da frase* aplicável à análise de frases e/ou de textos.



⁴⁴ Searly, John R., *Speech Acts*, Cambridge, 1969.

⁴⁵ Polenz cita em especial a contribuição dos autores alemães, como *Hebner*, cujas formulações e denominações são importantes para o tipo de análise proposta por ele para as frases em língua alemã, por serem mais precisos e adequados a este idioma.

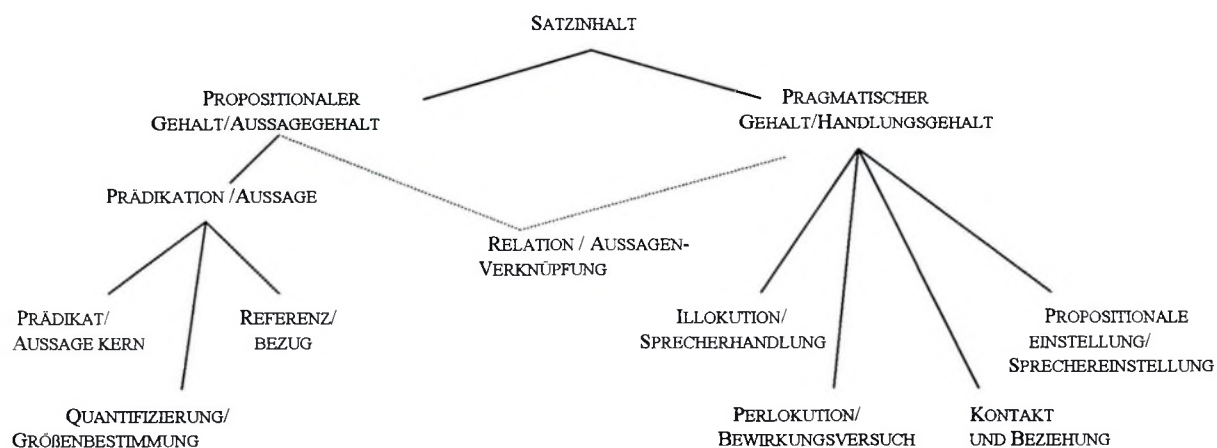
⁴⁶ Polenz (82)

A priori, a conclusão do modelo esquematizado na figura acima é a de que, na análise, o todo se dirige às partes, de cima para baixo, o que implica dizer que o que está situado embaixo consiste do que está “sobre”, ou “em cima”. A frase é constituída de um predicado (denominado por Polenz como “*Prädikatsausdruck*”, expressão que traduzimos por locução predicado), de um a quatro complementos, e de *Angabe(n)* (ou adjunto(s))⁴⁷, cuja característica é a não obrigatoriedade, indicada pelas chaves. No nível logo abaixo no modelo, é indicado que o que está acima dependerá de uma realização sintática situada logo abaixo. O predicado será expresso ou por um verbo, ou por uma associação verbal ou ainda por um predicado nominal. Deste modelo nos interessa em especial a possibilidade de realização do “*Prädikatsausdruck*” por meio do predicado nominal (*Nominalprädikat*), ao qual Polenz já incorpora tanto a valência do adjetivo, quanto a valência do substantivo. Dentre os verbos nominais está incluído o verbo *sein*, como verbo copulativo clássico. O próprio Polenz identifica distinções entre usos deste verbo e considera, por exemplo, inconseqüente igualar uma frase como: a) *Das ist uns nicht zuzumuten* (*isto não deve nos ser exigido*), que é um *verbaler Prädikatsausdruck*, com b) *Das ... ist wohl nicht zumutbar* (*Isto ... não é bem/exatamente exigível*), que é um *adjektivischer Prädikatsausdruck*. Na frase c) *Das ist eine Zumutung* (*Isto é uma exigência*), ele considera o substantivo *Zumutung* como complemento de um *Vollverb* (verbo pleno), o *sein*. O substantivo, c), assim como o adjetivo, b), são portadores de valência e, portanto, formam parte do *Prädikatsausdruck*. Semanticamente, o substantivo, em c), é uma afirmação sobre algo e não uma referência a alguma coisa, ele não se refere a algo, antes afirma algo sobre alguma coisa.

A distinção entre frase (*Satz*), visto acima, e conteúdo frasal (*Satzinhalt*) pode ser mais claramente percebida por meio da explicação que Polenz dá para o conteúdo frasal. Aqui verifica-se a necessária independência que a *Satzsemantik* exige em relação à sintaxe. Tal separação é indispensável para que a confusão, ou mescla, entre estrutura frasal (*Satzstruktur*), de cunho sintático, e a estrutura do conteúdo frasal (*Satzinhaltsstruktur*) seja evitada.

⁴⁷ Os estudos em língua alemã sobre *Angabe* são ainda inconclusivos com respeito a o que de fato é *Angabe* e o que não é. O próprio Polenz afirma que as possibilidades de realização das *Angaben* são bem mais ricas do que os complementos (Polenz, 90-91). Aqui procuramos aproximar a idéia alemã de *Angabe* do conceito de adjunto da língua portuguesa.

Polenz adota a teoria dos atos de fala, assim como as subseqüentes contribuições a esta teoria, como modelo para a sua tese. O termo predicado (*Prädikat*) passa a ser empregado como componente do conteúdo frasal e não mais como elemento tradicional da estrutura da frase (*Satzgliederung*), que se divide em sujeito e predicado. Trata-se agora em termos de lógica do predicado (*Prädikatenlogik*). A terminologia e os conceitos utilizados são do domínio da pragmática, inicialmente da teoria dos atos de fala, de Searly, e na seqüência incorpora também os estudos de Austin e de outros filósofos da língua e pesquisadores, como Bühler⁴⁸. O conteúdo frasal se divide basicamente em duas partes iniciais: *Propositionaler Gehalt/Aussagegehalt* (conteúdo proposicional / conteúdo afirmativo) e *Pragmatischer Gehalt/Handlungsgehalt* (conteúdo pragmático). A respeito da primeira das duas partes *Propositionaler Gehalt/Aussagegehalt*, em linhas gerais, Polenz afirma, com base em Bühler, que “Dies ist sozusagen der nichtpragmatische oder vorpragmatische Teil im Sinne vom Bühlers ‘Darstellungsfunktion’ (s.127), obwohl BEZUGNEHMEN, PRÄDIZIEREN und QUANTIFIZIEREN auch als (kognitive) Sprachhandlungen aufgefaßt werden können”⁴⁹. A segunda parte essencial do conteúdo frasal é composta por ações pragmáticas (*Pragmatischer Gehalt/Handlungsgehalt*), e neste caso no sentido estrito da pragmática. Como um sub-nível deste existe o componente de contato e relação (KONTAKT und BEZIEHUNG), que segundo Polenz corresponde à extensão da pragmática sobre o social. O modelo abaixo representa as relações internas do conteúdo frasal / *Satzinhalt*.



⁴⁸ BÜHLER, Karl, Sprachtheorie, Die Darstellungsfunktion der Sprache. Jena, 1934.

⁴⁹ Tradução livre: ‘esta é por assim dizer a parte não pragmática ou pre-pragmática no sentido da Darstellungsfunktion (função de representação) de Bühler (p. 127), embora referência, predição e quantificação também possam ser interpretados como atos de fala (cognitivos).

Polenz toma como ponto de partida este esquema de constituição da frase e desenvolve de modo rico e pormenorizado todo o seu conceito de *Satzsemantik* (semântica da frase), que utilizamos neste trabalho. Segundo ele, quase todos os conteúdos frasais comunicativos expressos pelo falante são compostos de um conteúdo proposicional/afirmativo (*Aussagegehalt*) e de um conteúdo pragmático (*Handlungsgehalt*). O primeiro expressa coisas do mundo real, o segundo corresponde essencialmente às funções de representação (*Darstellungsfunktion*).

A teoria desenvolvida por Polenz para a semântica da frase é bastante abrangente e supera as necessidades deste trabalho, portanto nos ateremos à sua proposta de análise de frases que contemplem os verbos *ser*, *estar* e *sein*. Desse modo, interessa-nos em especial suas considerações sobre as predicções com adjetivos e com substantivo, além, é claro, das sentenças em que estes itens lexicais ocorrem e que são analisadas à luz da *Satzsemantik*.

Em termos de conteúdo proposicional (*Propositionaller Gehalt*), o tipo de predicção (*Prädikat*) é essencial porque responde à pergunta sobre o que se fala. De acordo com o modelo da lógica do predicado, ou lógica semântica, uma predicção é expressa por argumentos, assim: x, y, e z são seus argumentos: P(x,y,z). No lugar do termo argumento, Polenz utiliza, em associação com a teoria do ato de fala, o termo “Referenz-/Bezugobjekt”, que traduzimos por “referente”. Outra consideração importante feita é a necessidade de distinção entre valência sintática e valência semântica. A valência é uma característica da predicção em uma dada língua e caracteriza as relações entre os lexemas na frase. Em alemão, um verbo como *reden* (conversar, falar) pode apresentar no mínimo três espaços a serem preenchidos, os quais serão sintaticamente preenchidos por: nominativo, acusativo, complemento preposicionado, advérbio. Porém, somente para este verbo, Polenz encontrou pelo menos sete ocorrências distintas e de certa forma aparentadas, cujas diferenças de significado podem ser tênues. Ele conclui que na realidade lingüística, para cada “*reden*” (falar, conversar) existem fatores implicados, como por exemplo: um falante, um conteúdo de fala, uma maneira de falar, um ouvinte/interlocutor, um tema, que não são considerados em uma situação de comunicação, por serem “irrelevantes” para o falante/ouvinte. Ele entende ser insuficiente a hipótese, ligada ao conceito de “complemento facultativo”, de elipse de um complemento, da mesma forma como o é a valência de verbo “*reden*” na frase “*Sie redet*

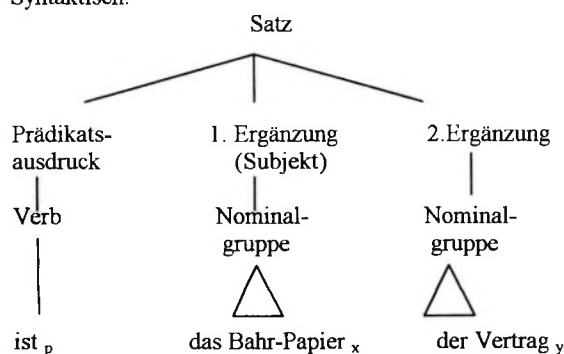
noch” (ela continua falando) em oposição semântica com verbos como “*schweigen*” (calar-se), “*brüllen*” (gritar), “*essen*” (comer). Para ilustrar este ponto o autor nos dá como exemplo duas situações do verbo “*reden*” em uso: no saguão de um aeroporto, se ouvirmos do alto-falante a frase: “*Reden Sie!*” (fale!), apenas a ação contida no verbo estará em jogo, não terá significado o conteúdo, o modo, o interlocutor. Porém, em uma situação em que um palestrante afirma: “*Ich rede über Valenz*” (Eu vou falar sobre valência), na afirmação estarão explícitos apenas: *tema e falante*, porém, do contexto serão obtidos outros fatores como: interlocutor/ouvinte, momento do discurso, modo do discurso. Dessa forma, é importante diferenciar: - valência sintática, como regra abstrata de uso de lexemas; - realização da valência sintática em um determinado texto ou frase, número de complementos explicitados; - valência semântica / ou colocação semântica, da predicação oferecida pelo conhecimento prévio dos participantes do ato de comunicação; - colocação/valência semântica contextual, que se refere aos elementos do contexto ou situação de fala. Ele conclui:

“Die Unterscheidung zwischen syntaktischer Valenz und semantischer Stellenzahl ist vor allem auch deshalb notwendig, weil in vielen systematischen Fällen die Zahl der semantischen Ergänzungen höher oder niedriger ist als die Zahl der semantischen Bezugsstellen“⁵⁰

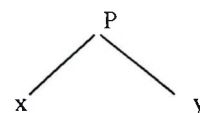
Apesar de que a grande maioria das predicções se expresse por meio de verbos, e por isso mesmo a teoria da valência se concentrou durante muito tempo na análise do verbo, a predicação pode ser verificada em outras classes de palavras, como o adjetivo. Há em alemão casos de paralelismo em frases como: “*ich friere*” / “*mir ist es kalt*” (eu estou com/tenho frio) ; “*sie ähnelt ihm*”/ “*sie ist ihm ähnlich*” (ela se assemelha/ é parecida com ele). Os adjetivos em tais paralelismos não são entendidos como complementos, mas como predicções formadas em conjunto com o verbo *sein*. Em uma frase como: “*Nachrichten, die sensationell sind*” (notícias que são sensacionais), o adjetivo “*sensationell*” tem valência um (monovalente), dele depende apenas um complemento, o sujeito. Como este, a maioria dos adjetivos é monovalente, e suas características semânticas os situam nas classes de predicado (*Prädikatsklassen*) de estado (*Zustand*) e de características (*Eigenschaften*).

Com relação às predicções com substantivo ocorre um evento semelhante ao adjetivo. Paralelismos semânticos semelhantes também são identificados, como nos casos seguintes: “*Ich rauche nicht*” (Eu não fumo) / “*Ich bin Nichtraucher*” (Eu sou não fumante); “*Er volontiert bei Daimler*” (Ele voluntaria na Daimler) / “*Er ist Volontär bei Daimler*” / (Ele é voluntário na Daimler); “*Er ist katholisch*” (Ele é católico) / “*Er ist Katholik*” (Ele é católico); “*Sie ist verreist*” (Ela viajou) / “*Sie ist auf Reisen*” (Ela está viajando /viajou). À parte de sutis diferenças de estilo, trata-se aqui também de diferenças que vão além da mera colocação sintática, mas de predicção, “*Mit diesen Substantiven wird ... etwas über etwas PRÄDIZIERT*”. O substantivo é o portador de valência, e, de modo semelhante aos casos acima com adjetivo, ele forma com o verbo uma predicção. Mesmo em uma frase como “*Das ist ein Tisch*” (Isto é uma mesa), em que o substantivo é usado como uma “referência” (*Referenz-Mittel*), está presente a função predicativa do substantivo (*Prädizierende Funktion*). Há outros exemplos com uso de substantivo como na frase “*Ich bin der Herr, dein Gott*” (Eu sou o Senhor, teu Deus), em que ocorre caso de identificação (*Identifizierung/Gleichsetzung*). Caso semelhante Polenz apresenta para a frase: “*des Bahr-Papiers – das war doch der fertige Vertrag*” (do Bahr-Papier – isto era contudo o contrato concluído). Diferentemente de “*war ein Vertrag*”, em que o substantivo corresponderia a uma predicção (*Prädikatsausdruck*), na frase inicial pode-se substituir o verbo “*war*” por uma expressão como “*war gleich/identisch/gleichzusetzen mit/nichts anders als*” (era igual/idêntico/comparável com/nada mais que). Isso significa que o verbo não um verbo copulativo, mas um verbo pleno, que tem uma função semântica e relaciona dois elementos conhecidos. Para este caso, Polenz traz os seguintes modelos sintático e semântico.

Syntaktisch:

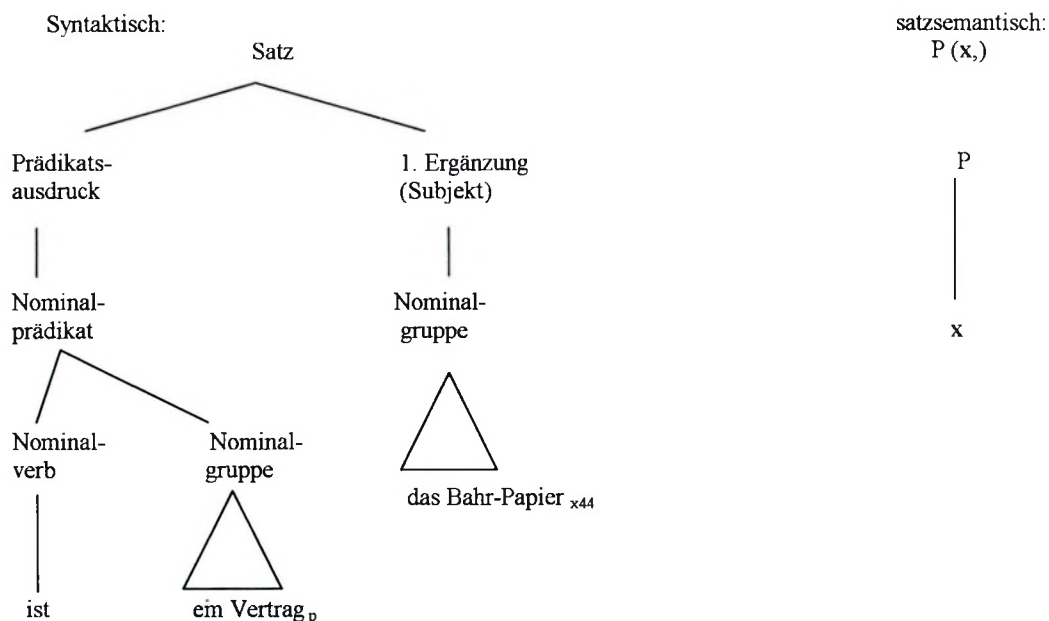


satzsemantisch:
P (x,y)



⁵⁰ “A diferença entre valência sintática e números de posições é necessário sobretudo porque, em muitos casos semânticos, o número de complementos sintáticos é maior ou menor do que o número de ‘posições de conexão’”

Se a frase fosse “Das Bahr-Papier ist ein Vertrag” (O bahr-Papier é um contrato) a relação sintático-semântica seria outra, a de predicção (*Prädikatsausdruck*), e o verbo não mais um verbo pleno, como no exemplo acima, mas um verbo nominal. O modelo apresentado é o seguinte.



As relações de parentesco e os papéis sociais, assim como palavras que indicam partes de coisas, como cabeça, mão, topo, aluno, etc. são, segundo Polenz, assim representados porque correspondem a referências (*Referenzstellen*). Polenz apresenta casos em que considera que os substantivos têm valência três (trivalente). Em um exemplo como “x ist die Antwort des y an z auf w” (x é a resposta de y a z para w), surgem novos substantivos no papel de “*Prädikatsausdruck*”, e isto se deve ao fato de que a língua alemã sofre um processo de alargamento da tendência à nominalização. Este mesmo processo é responsável por frases nas quais ocorrem casos como: “in Verlegenheit sein” (estar, encontrar-se envergonhado, ou em uma situação desconfortável de vergonha). Para análise destes casos, Polenz atribui a uma modificação da frase principal um valor semântico de estado (*Zustand*), duração (*Dauer*), causa (*Veursachung*), mudança de estado (*Zustandsveränderung*) etc.

A relação semântica que se verifica em uma predicção (*Prädikatsausdruck*) e que define o verbo, o substantivo ou o adjetivo como centro da frase é, segundo Polenz, também uma relação do âmbito da psicologia da língua, isto é, do conteúdo amparado no pensamento e na

compreensão (*Gedächtnis- und Verständnisinhalt*). Quem ouve um verbo como “*schneiden*” (cortar), sabe que existem no cenário desta palavra um agente, um paciente e um instrumento, pois esta unidade é assim formulada no pensamento. O problema é definir se o preenchimento destes argumentos/referências é uma tarefa que se atribui às regras da língua internalizada, às regras do conhecimento da língua, ou ao conhecimento de mundo. Uma consulta fora de contexto a uma gramática ou a um dicionário de valências poderá indicar o número de preenchimentos necessários ou possíveis a uma dessas categorias de palavras (sabemos se ele é mono- bi-, trivalente etc.), porém existem, além de um número variável de possibilidades, e distinções entre complementos e adjuntos (*Angabe*). Em muitos casos, já foi possível comprovar que elementos separados como adjuntos e considerados descartáveis (por serem adições de informações temporais, causais, modais, e instrumentais) se apresentaram em análise de situações concretas de uso da língua como informações essenciais dadas pelo falante, cuja falta implicaria incompreensão. A sua conclusão é:

“Was man in der satzsemantischen Theoriebildung zunächst einmal als Einbettung..., als Zusätze zu Prädikation ... oder als Verknüpfungen ... erklären möchte, erweist sich in der kontextsemantischen Analyse konkreter Textstellen manchmal gar nicht als komplexer/zusammengesetzter Satzinhalt, sonder als ein konstitutiver, dem primären Inhaltsplan des Sprechers/Verfassers zugehöriger Bestandteil“⁵¹. (p 131)

A solução apontada é inverter a análise, que deixa de ser uma análise a partir dos complementos e dos *Angaben* (adjuntos) explícitos em uma frase, para ser uma análise que parte do conteúdo para a expressão. Ao modelo do conteúdo frasal (*Satzinhalt-Komponenten*) apresentado acima, acrescentam-se os pressupostos cognitivos e culturais.

Portanto, sem um contexto determinado é impossível, ou ao menos duvidoso, decidir quais dos elementos de uma frase são de fato parte da estrutura primária (*Ergänzung* – complemento) e quais são acréscimos (*Angaben* – adjuntos).

⁵¹ Tradução livre: “Aquilo que, de acordo com constituição teórica da semântica da frase, em primeiro lugar se gostaria de explicar como acréscimo ou como associação a uma predicação, às vezes, não se mostra, pela análise do contexto semântico de situações concretas, como composto do conteúdo frasal, mas sim como elemento constitutivo e pertencente ao plano primário do falante/escritor”.

Ao propor a inversão do conteúdo frasal (*Satzinhalt*) pelos elementos da expressão *Satzausdruck* (como verbo, adjetivo, caso, conectores, etc.), Polenz também estabelece a prioridade das categorias semânticas da frase. A pergunta sobre tipos de significados dos verbos e seus complementos instituída pela valência é também uma questão de classificação semântica do predicado. De acordo como o conceito de dependência da teoria da valência, o verbo abre espaços para serem preenchidos, do verbo depende o tipo e o número de complementos, mas a semântica da frase vai além disso; parte-se aqui de hipóteses ou pressuposições lingüísticas. O ponto de partida é o conhecimento comum (*allgemeine Wissen*) sobre a situação de comunicação, compartilhado em uma situação de comunicação. Apenas uma parte deste conhecimento é sintaticamente expresso na forma de predicação, complementos ou *Angaben* (advérbios).

As classes de predicado apontadas por Polenz, embora ele mesmo afirme não ser esta uma

lista completa, são:	Aktionsprädikat:	HANDLUNG	(AÇÃO)
	Prozeßprädikate:	VORGANG	(PROCESSO)
	Statusprädikate:	ZUSTAND	(ESTADO)
	Qualitätsprädikate:	EIGENSCHAFT	(CARACTERÍSTICA)
	Genusprädikate:	GATTUNG	(CLASSE, GÊNERO)

Handlungsprädikat, predicado que indica ação, corresponde à maioria dos predicados, os quais Polenz sub-classifica, além dos casos de uso imperativo do verbo, como: *durativ/imperfektiv* (Duração. Ex.: *laufen* - correr); *igressiv/inchoativ* (Começo. Ex.: *loslaufen* - começar a correr); *egressiv/resultativ* (Final, resultado. Ex.: *zerschneiden*, recortar); *iterativ* (Repetição. Ex.: *streicheln* - acariciar); *diminutiv/imbezill* (fraqueza/comportamento. Ex.: *lächeln* - sorrir).

Vorgangsprädikate, predicados de processo, dizem respeito a afirmações sobre acontecimentos, processos, sem intencionalidade (estes se referem a seres, coisas, conceitos abstratos). Tais predicados se sub-classificam também em: *durativ* (Duração. Ex.: *einen Traum haben* - ter um sonho); *transformativ/mutativ* (Mudança de estado. Ex.: *altern* - envelhecer); *punktuell* (Acontecimento/evento. Ex.: *stürzen* - cair/ser derrubado); *inchoativ/ingressiv* (Início de um estado. Ex.: *aufblühen* - recobrar o ânimo); *egressiv/resultativ* (Resultado, final de estado. Ex.: *verblühen* - murchar, *ankommen* -

chegar); *iterativ* (Repetição continuada. Ex.: *tropfen* – pingar, gotejar); *diminutiv/imbezill* (Modo debilitado. Ex.: *plätschern* – murmurar).

Zustandsprädikate, predicados de estado, indicam estado físico ou psicológico de seres, coisas, ou conceitos abstratos. Estes ocorrem em predicação por meio de verbos, substantivos ou adjetivos. Neste ponto, Polenz não diferencia com muita precisão as ocorrências como: a) *der in deinen Toren ist* (que está em/no teu portão); e b) *neidisch sein* (ser invejoso, malicioso). O primeiro exemplo indica claramente uma posição/espaço, e o segundo um estado, ou característica. A distinção, ao que parece, deve ser abstraída da descrição da classe de predicados que se segue.

Eigenschaftsprädikate, predicados que indicam características. Expressam o estado permanente de seres, coisas, ou conceitos abstratos; estas características são consideradas imutáveis ou duradouras. Isto significa que não se limitam a um tempo ou espaço. Por exemplo: um vinho que é seco (característica) não o é por um período de tempo, ao contrário de uma garganta seca (estado). Pode-se dizer de uma pessoa que tingi o cabelo de loiro que ela é loira, embora temporariamente (*Zustand* – estado). Já não se diz o mesmo de uma pessoa que é naturalmente loira, ou seja, esta é sua característica (*Eigenschaft*). Porém, as características que indicam papéis sociais são relativas. Um indivíduo será, por exemplo, um professor durante muito tempo, mas será um estudante, ou um candidato durante período determinado. Grande parte desses predicados é expressa por meio de adjetivos.

Gattungsprädikate, predicados que indicam classe ou gênero. São na maioria dos casos expressos por meio de substantivos. Aqui também não é possível limitação de espaço ou de tempo. Alguns verbos são frequentemente utilizados para expressão desses predicados, dentre eles está o verbo *sein*. Por exemplo em: a) *dürfte ... nur ein Wirtschaftsförderungsgesetz sein* (poderia ser apenas uma lei de exigência econômica; b) *... dass der Brief ... eine Ausladung war* (que a carta era apenas um „desconvite“); c) *weil ich Franzose bin* (porque eu sou francês); d) *als sei das eine erschöpfende Auskunft* (como se fosse uma informação exaurida). *Gattungsprädikate* são predicados considerados por Polenz secundários diante das caracterizações (*Kennzeichnungen*). Isto é, o uso da função de caracterização como na frase *Die Universität Trier* (A universidade -de- Trier) é prevalente diante de uma frase predicativa,

primária: *Dies ist eine Universität* (esta é uma universidade), na qual é apresentada a função primária do substantivo.

As classes de predicados / *Prädikatsklassen* são importantes para a elucidação dos casos de polissemia ou pluralidade de significados das palavras. Por exemplo, o adjetivo *faul* indicará uma característica / *Eigenschaft* de um indivíduo em: a) *Der Student ist faul* (O estudante é preguiçoso/indolente); indicará um estado / *Zustand* alcançado por um organismo que se tornou impróprio em b) *die Eier sind faul* (os ovos estão podres); ou ainda uma característica / *Eigenschaft* que pode ser indicada em algo, em c) *Dieser Friede ist faul* (Esta paz é inválida / não tem valor).

Complementares à classificação semântica dos predicados são os papéis semânticos, os quais foram desenvolvidos, segundo Polenz, por Fillmore na transição da gramática gerativa para a semântica gerativa. A tipologia de argumentos de Fillmore, designada inicialmente “deep cases” e mais tarde “case roles”, é indispensável para a passagem da sintaxe para semântica da frase (*Satzsemantik*). Polenz faz questão de distinguir papéis semânticos de casos gramaticais, e imputa a responsabilidade pela confusão a um abuso equivocado (*irreführender Mißbrauch*) da terminologia tradicional da gramática que leva alguns linguistas a denominá-los simplesmente “casos”. Os papéis semânticos não estão, em princípio, ligados aos casos gramaticais. Um papel semântico como AGENS (AGENTE), que mais frequentemente aparece no nominativo como sujeito em uma frase, pode ocupar outras posições sintáticas, vejamos um exemplo, será um atributo no genitivo em: “*Sie zu achten (HANDLUNG) und zu schützen (HANDLUNG) ist Verpflichtung aller staatlichen Gewalt (AGENS).*”⁵²

Para Polenz, a quantidade de tipos de papéis semânticos possíveis em uma dada língua ainda é um mistério, e de modo que a lista está completa. Ela aumenta de acordo com a intenção ou finalidade de uso da língua. Além disso, afirma o autor, os diferentes tipos de papéis

semânticos representam diferentes papéis em cada língua. A lista que encontramos em Polenz é, resumidamente, a seguinte:

AG = AGENS/AGENTIV: pessoa que realiza uma ação, apenas em predicados de ação (Handlungsprädikat). “*Er (AG) nahm die Regenrinne*” (ele (AG) pegou a calha).

- EXP = EXPERIENS/ERFAHRENDER: pessoa que se encontra em determinada situação ou estado. “*Kann er (EXP) überrascht sein*“ (ele (EXP) pode estar surpreso).
- PAT = PATIENT/BETROFFENER: pessoa como objeto de uma ação. “*Niemand (PAT) darf ... vorbezugt werden*” (Ninguém (PAT) deve ser privilegiado).
- BEN = BENEFAKTIV/NUTZNIESSER: pessoa que se beneficia da ação (vantagem ou desvantagem). “*Filmförderung, die uns(BEN) Filme beschert hat*“ (promoção cinematográfica que nos (BEN) presenteou (com) os filmes).
- CAG = CONTRAGES/ PARTNER: pessoa a quem se refere a ação. “*er sie (CAG) eingeladen habe*” (apesar de ele a(CAG) ter convidado).
- COM = COMITATIV/BEGLEITENDER: pessoa que executa uma ação em conjunto com o AGENTE/AGENS. “*mit seiner jüdischen Familie (COM) ... floh*“ (fugiu com sua família judia (COM).)
- SUB = SUBSTITUTIV/ERSETZTER: pessoa ou coisa cuja posição é ocupada por outra pessoa ou coisa por meio de uma ação ou processo. “*Ich spreche hier für alle Mitglieder (SUB)*“ (eu falo aqui em nome de todos os componentes/membros (SUB))
- AOB = AFFIZIERTES OBJEKT/BETROFFENES: pessoa ou coisa à qual se refere por meio de uma ação ou processo, que influem sobre aquelas. “*keine anderen Götter (AOB) neben mir haben*” (não ter outro Deus (AOB) além de mim).
- EOB = EFFIZIERTES OBJEKT/RESULTAT: pessoa ou coisa que surge por meio de uma ação ou processo. “*hat der Herr Himmel und Erde (EOB) gemacht*” (O Senhor fez o céu e a terra(ROB)).
- IN = INSTRUMENT: Instrumento. “*seine Meinung in Wort, Schrift und Bild (IN) frei zu äußern*“ (expressar livremente sua (dele) opinião por meio de palavras, escrita e figuras“.
- CAU = CAUSATIV/URSACHE: fato que é causa de outro fato. “*überrascht ... von der Härte (CAU)* (surpreendido pela aspereza).

⁵² “Respeita-la e protege-la é obrigação de toda lei estatal”.

- PAR = PARTITIV/TEIL: algo que é parte de algo. “das Thema hat zwei Seiten (PAR) (o tema tem duas partes).
- PO = POSSESSIV/BESITZ: algo que está sob a posse de alguém. “alles, was (PO) dein Nächster hat“ (tudo o que (PO) pertence ao teu próximo”.
- ADD = ADDITIV/HINZUGEFÜGTES: algo que, por meio de ação de uma pessoa ou coisa passa a ser parte de outra. “das (ADD) dir der Herr gibt“ (aquilo (ADD) que o Senhor te dá).
- PRI = PRIVATIV/ENTFERNTES: algo que, por meio de uma ação ou processo, é separado de algo. “er hat viel Haar (PRI) verloren“ (ele perdeu muito cabelo (PRI)).
- LOC = LOCATIV/ORT: local ou espaço onde uma circunstância ocorre. “das oben im Himmel (LOC) ist“ (que está lá em cima no céu).
- OR = ORIGINATIV/URSPRUNG: local ou espaço de onde uma ação ou processo parte. “eine Bauerntochter aus Pommern (OR)“ (Uma lavradora da Pomerânia).
- DIR = DIREKTIV/ZIEL: local ou espaço para onde uma ação ou processo se dirige/destina. “nach Frankreich (DIR) floh“ (fugiu para a França (DIR)).
- TE = TEMPORATIV/ZEIT: momento ou espaço de tempo em que uma ação ou processo acontece. “sechs Tage (TE) sollst du arbeiten“ (você tem de trabalhar seis dias (TE)).

Polenz alerta para o fato de que os papéis semânticos de modo algum podem ser confundidos com características de palavras, eles vão além da indicação de características semânticas do tipo “abstrato”, “contável, etc. Os papéis semânticos não se constituem por si só em um conteúdo frasal, isto é, um local ou espaço como Berlin não será de antemão um locativo (LO). Este nome só terá o papel semântico LOCATIV em composição com os predicados como “*wohnen*” (morar), “*sich aufhalten*” (deter-se) etc. Em “*Ich fahre nach Berlin*” (eu vou a Berlin) ele será um DIRECTIV, e será Agentiv em “*Berlin wählt einen neuen Senat*” (Berlin eleger um novo Senado), um AFFIZIERTES OBJEKT em „*Berlin ist geteilt worden*“ (Berlin foi

dividida), um ADDITIV em „*Berlin in den Vertrag einbeziehen*“ (Incluir Berlin no contrato), um SUBSTITUTIV em „*Bonn kann Berlin nicht ersetzen*“ (Bonn não pode substituir Berlin).

Além disso, o autor nos mostra que os papéis semânticos são ligados a determinadas classes de predicados, ou seja, AG, PAT, BEM CAG, COM, IN somente ocorrem com *Handlungsprädikaten*, enquanto SUB, AOB, EOB, ADD, PRI ocorrem com *Handlungs- e Vorgangs-Prädikat*, e PAR apenas com *Zustands-, Eigenschafts- e Gattungs-Prädikat*.

Polenz dedica ainda um capítulo aos conteúdos frasais de fundo / *hintergründige Satzinhalte*, que considera importantes para a *Satzsemantik*, pois, segundo o autor, deve ser evitada a confusão entre características semânticas de uma locução e a prática semântica de um falante/escritor. Existe diferença entre o significado de uma expressão e o que um falante deseja comunicar, ou significar, com ela. O conteúdo semântico de uma locução vai além do conhecimento de vocabulário e da gramática empregados. Uma parte essencial é constituída daquilo que o falante/escritor deseja e pode expressar, de acordo com a sua intenção, seu conhecimento prévio a respeito do tema, seu conhecimento de mundo, com a sua formação, seu posicionamento, sua consciência sobre a situação de comunicação, seu conhecimento sobre o interlocutor, sobre suas orientações e conhecimentos. Os significados das expressões usadas somente se aproximam daquilo que o falante pensa e do que ele quer dizer, pois sempre há inclusão de elementos extra-lingüísticos. Isso implica que cada situação de comunicação contém algo novo. Por outro lado, o que se chama de compreensão / *Verstehen* é mais do que simplesmente receber conteúdos informativos prontos, é antes o resultado da combinação do emprego do conhecimento lingüístico por um lado e uma pressuposição sobre aquilo que o falante desejou expressar, segundo Polenz “oft ist das Verstandene nur eine ungenaue, unvollständige oder überinterpretierende Rekonstruktion des Gemeinten; und verschiedene Hörer/Leser kommen dabei meist zu teilweise verschiedenen Ergebnissen”.⁵³ Não pretendemos nos aprofundar na questão, mas as afirmações de Polenz a respeito da necessidade de consideração de elementos extralingüísticos presentes no processo de comunicação nos serão úteis para a análise de boa parte das frases em que ocorrem os verbos aqui estudados.

⁵³ “Com frequência aquilo que é entendido é apenas uma reconstrução aproximada, incompleta ou sobreinterpretada daquilo que foi pensado; e diferentes ouvintes/falantes chegam a resultados parcialmente diferentes”.

III Análise de usos dos verbos *ser* e *estar*

1. Os verbos *ser* e *estar* no português

1.1 Introdução

Os verbos *ser* e *estar* figuram entre os verbos de uso mais freqüente no português. É inegável que, embora um falante da língua portuguesa transite entre ambos os verbos com desenvoltura, ainda faz falta uma análise mais detida dos seus usos, a fim de que se possa sistematizar estas ocorrências e facilitar a sua compreensão.

A questão básica com estes verbos é que eles são verbos distintos entre si que, no entanto, apresentam pontos de interseção, fato que admite intercâmbio entre eles. Este fenômeno é chamado pelos autores e pesquisadores de “oposição entre *ser* e *estar*”.

O problema se revelará muito mais uma questão de conteúdo do que de forma, pois são variadas as predicções com esses verbos, que podem ser agrupadas de acordo com a sua ocorrência em: estruturas predicativas simples e com orações subjetivas, atributivas, como auxiliar na voz passiva, perífrases verbais. A função sintática do verbo nem de longe responde a questão das diferenças semânticas entre elas, principalmente no caso dos usos predicativos e atributivos com adjetivo e substantivo. O verbo *ser*, por exemplo, é usado, dentre outras, tanto em predicções que designam essência dos seres, como as que afirmam sua existência, e as que caracterizam esses seres.

Há ainda o fato de que o sistema verbal do português oferece dois verbos para cumprir as funções que em outras línguas são cumpridas por um único verbo⁵⁴. Os verbos *ser* e *estar* têm origem semelhante, embora se verifique a entrada paulatina, porém persistente, do verbo *estar* nos domínios do verbo *ser*.

A teoria lingüística moderna oferece recursos aplicáveis à análise dos usos de *ser* e *estar* que, se não resolvem totalmente a questão, apontando uma solução definitiva, pelo menos cobrem boa parte destes usos e ajudam a sistematizá-los. Estamos, portanto, conscientes de que o

⁵⁴ É o caso do idioma alemão.

problema não será totalmente resolvido aqui, mas queremos acrescentar nossa contribuição à discussão do tema.

Uma dificuldade que enfrentamos durante a realização da pesquisa foi o pequeno número de estudos específicos sobre os usos de *ser* e de *estar* em português. Há algumas publicações a respeito do tema, porém estes textos se voltam apenas à análise da oposição entre *ser* e *estar*.

As gramáticas consultadas se restringem à questão formal desses verbos, apresentando, geralmente, apenas a conjugação, e a sua classificação como verbos de ligação e verbos auxiliares, e comentários, ou mesmo explicações a respeito das diferenças de conteúdo, porém, com base apenas na questão do aspecto. O aspecto se aplica a uma boa variedade de usos, porém, mesmo ele é limitado e deixa a desejar em outros usos. Para contornar essa dificuldade, recorremos a trabalhos realizados acerca desses verbos em língua espanhola, muito úteis graças à semelhança que existe entre *ser* e *estar* em português e em espanhol. Também foi muito importante o trabalho publicado em inglês sobre a oposição *ser* e *estar*, de Cláudia Lemos.

1.2 Considerações sobre os usos de *ser* e *estar*

1.2.1 Relato de uma experiência sobre os usos de *ser* e *estar*

Uma experiência realizada em sala de aula, junto a um grupo de cerca de trinta e cinco alunos de graduação em língua alemã da Universidade de São Paulo, demonstrou que os brasileiros têm dificuldade quanto ao uso mais adequado de *ser* e de *estar*. Essa experiência foi feita da seguinte maneira: separamos um trecho de um texto publicado por uma revista de circulação nacional, no qual havia um número considerável de ocorrências de *ser* e de *estar*.

Ocultamos do texto todas essas ocorrências e solicitamos aos participantes da experiência que preenchessem os espaços em branco com um dos dois verbos, conjugando-os de maneira adequada. Vale mencionar que entre os participantes havia um nativo de língua alemã que há muitos anos vive no Brasil. Os alunos, brasileiros, tiveram alguma dificuldade em determinar o verbo que melhor se encaixava em cada caso. Houve casos de preenchimento com um verbo, quando o texto original trazia o outro verbo, além de uma ou outra dificuldade de

conjugação. O participante, falante nativo do alemão, teve grau de dificuldade maior, chegou a deixar parte das respostas em branco.

Devemos esclarecer que a finalidade desse exercício foi apenas demonstrar, com pelo menos um caso prático, fatos que já conhecíamos, ou seja, de que há diferenças entre *ser* e *estar*, e de que os estrangeiros têm dificuldade de apreender essas diferenças e de escolher entre um e outro ao se expressarem em português; enquanto que essa opção parece evidente para um brasileiro, pelo menos quando ele é o falante/escritor e não o interlocutor, o ouvinte/leitor.

1.2.2 Da origem do verbo *ser*

Embora a abordagem neste trabalho seja de ordem sincrônica e não diacrônica, consideramos importante para a análise dos usos atuais de *ser* e de *estar* lembrarmos a origem comum destes verbos. Foi por meio de transformações lentas e sucessivas do latim que surgiram as línguas românicas, dentre elas o português.

Não é nosso interesse o estudo da história da formação e dos usos destes verbos, porém acreditamos que é possível que um estudo nessa linha ofereça informações complementares e auxiliares que indiquem razões para muitas ocorrências atuais destes verbos, não apenas em termos de conjugação, mas também do seu emprego semântico atual.⁵⁵ Lemos⁵⁶, no seu trabalho sobre *ser* e *estar*, remete ao fato de que há indícios de que os usos atuais destes verbos podem ter suporte histórico.

Em Silveira⁵⁷ encontramos um levantamento das conjugações dos verbos latinos *esse* (que exprimia a idéia de *ser*) e *sedere* (*estar sentado*) que fornece dados sobre a lenta evolução e transformação desses verbos que formaram o atual verbo *ser*, que incorporou formas tanto de *esse* como de *sedere*. *Esse* era um verbo irregular no latim clássico e manteve esta irregularidade em *ser*. Durante um longo período da história da língua latina, os dois verbos que formaram o verbo *ser* coexistiram, tanto na qualidade de verbo principal (já como verbo

⁵⁵ Esta relação da evolução dos usos de *ser* e *estar* com os seus usos atuais poderia ser profundamente estudada em um outro momento.

⁵⁶ Conf. LEMOS (1987 p. 2-4).

⁵⁷ SILVEIRA, Alcir L. D, *História do verbo ser do Latim ao Português*, Ed, Universitária Natal, 1980.

de ligação e intransitivo), como na qualidade de verbo auxiliar, também assumiam outros valores, conforme a construção sintática em que ocorriam.

Algumas formas do verbo *sedere* foram substituindo formas do verbo *esse*, conduzindo a alterações semânticas. Na fase mais moderna da língua, estes verbos aparecem em um número maior de estruturas. Apareceram, por exemplo, os usos com preposições, indicando origem, posse etc.

2. Características gerais do emprego de *ser* e de *estar*

Entre as gramáticas consultadas verificamos que existe conformidade no tratamento dispensado a *ser* e a *estar*. Estes verbos são considerados essencialmente quanto à sua função sintática e apontados como copulativos (de ligação), cujo argumento é denominado genericamente de predicativo ou complemento predicativo atribuído a um sujeito ou a uma oração subjetiva como em: *é natural que esteja agora um pouco amarga*⁵⁸; como auxiliares na formação da passiva e em construções perifrásticas do tipo: *vir a ser feito*, e ainda em estruturas com particípio⁵⁹ ou com gerúndio.

Embora considerem esses verbos semanticamente esvaziados, e por isso mesmo a ênfase na sua função sintática meramente copulativa, as gramáticas demonstram por meio de exemplos as variações de usos dos dois verbos e apontam uma diferenciação de cunho semântico para as ocorrências. Desse modo, encontramos, de acordo com o tema descrito⁶⁰, exemplos de usos de *ser* e *estar* em orações comparativas, orações de identificação, de localização, orações com uso de preposição, ou sintagmas preposicionais, que podem indicar origem, propriedade, ainda usos com advérbios, etc. Embora não tenhamos encontrado uma distribuição sistematizada exclusiva dos usos de *ser* e *estar* no português, cremos que muitos casos encontrados nas gramáticas indicam forte tendência a uma consideração dos verbos *ser* e *estar*

⁵⁸ MORA NEVES, p. 181

⁵⁹ o particípio passado, em muitos casos, suscita dúvidas quanto à sua classificação como verbo ou adjetivo. Essa mesma dificuldade existe no alemão. Para sanar tais dúvidas, em ambas as línguas, recorreremos aos dicionários, que geralmente, além de indicar a classe de palavras, apresentam exemplos que corroboram a sua classificação.

que leve em conta o seu uso específico, e, por conseguinte, os aspectos semânticos envolvidos. Mira Mateus⁶¹, ao abordar orações comparativas, cita dois exemplos com verbo *ser*: a) *O teu filho é inteligente*, e b) *A casa da Maria é alta*, e nos ensina que os adjetivos *alta* e *inteligente* são adjetivos de medida graduáveis, “isto é, adjectivos que descrevem propriedades concebidas como tendo valores numa escala”. Quando profere uma das frases, a) ou b), o falante já está indicando que “o teu filho” é mais inteligente e que “a casa da Maria” é mais alta. Seria diferente uma frase como: c) *O ser humano é inteligente*, onde claramente não se deseja atribuir grau ao adjetivo, já que a característica, inteligência, é própria de todo ser humano. Adiante, ao tratarmos mais detidamente das distinções entre *ser* e *estar*, veremos como os mesmos exemplos, se usados com o verbo *estar*, mudam totalmente de sentido.

2.1 Usos predicativos e usos atributivos

Desde já consideramos importante desvincular os conceitos de função atributiva e predicativa presentes nos verbos estudados. Embora tenha se revelado difícil de ser posta em prática, essa divisão colabora com o trabalho de análise, pois considera os usos dos verbos em grupos.

Adotamos o conceito e a nomenclatura que encontramos primeiramente em Ruiz, e em seguida em Heringer⁶², e Ballesteros⁶³, para a distinção das funções predicativa e atributiva.

Na função predicativa os verbos *ser* e *estar* atuam como verbos plenos, quando significam: existir, suceder, ocorrer, ter lugar, como nos exemplos: a) *Deus é (Deus existe)*, b) *A reunião é às seis da tarde (A reunião tem lugar às seis da tarde)*; quando expressam localização, como em c) *O chefe está na sua sala*, ou ainda quando, em enunciados de definição, quando o verbo exprime equivalência entre entidades, como em d) *O alcaçuz é uma planta de raiz doce e medicinal*. Este exemplo se assemelha muito ao exemplo de Polenz, anteriormente demonstrado em um modelo de construção, a frase de Polenz é: “Das Bahr-Papier ist ein Vertrag” (O Bahr-Papier é um contrato).

⁶⁰ Com exceção feita a MATEUS, que dedica algumas páginas ao verbo *ser*, não encontramos nas gramáticas descritivas um capítulo ou item dedicado exclusivamente a *ser* e a *estar*, estes verbos são inseridos em capítulos destinados às classes de palavras, por exemplo, preposições, pronomes possessivos, etc.

⁶¹ conf. MIRA MATEUS p. 482-483.

⁶² Conf. HERINGER 1989, p. 107.

⁶³ Conf. BALLESTEROS, 1988.

Na função atributiva, o verbo não é pleno, ele participa em uma construção copulativa, cujo predicado é formado por um atributo, ou predicador não verbal (um adjetivo, ou um substantivo) que serve para expressar uma característica do sujeito. Citamos como exemplos: e) *Joana é bonita*, f) *Hoje o chefe está pior do que ontem*, g) *Joaquim é (um) médico*. Este último exemplo é bastante comum nas gramáticas do português, é um dos exemplos que causa dificuldade de distinção entre uso predicativo e uso atributivo. Nós o incluímos, porém consideramos aqui uma função atributiva precária do verbo *ser* porque a relação estabelecida é a de identificação entre dois nomes, semanticamente pode-se dizer que *médico* não é um atributo intrínseco a *Joaquim*. Uma profissão, embora possa identificar alguém, não é inerente a uma pessoa. É possível que alguém exerça a medicina por um determinado período e depois a deixe, assim como é possível um indivíduo formado em medicina que exerce outra atividade profissional.

Com o verbo *ser* o atributo expressa uma característica, ou qualidade, que diferencia o sujeito dos outros da mesma espécie; com *estar* expressa um estado variável do sujeito, talvez por este motivo geralmente seja pouco aceitável o verbo *estar* com um substantivo como atributo.

Ruiz diferencia os conceitos de atribuição e de predicação da seguinte maneira:

“la predicación indica un proceso o un estado del sujeto, pero externo e independiente de su modalidad o manera de ser; la atribución indica un proceso o un estado del sujeto, que se refiere a la naturaleza íntima del mismo, que le afecta en sus notas constitutivas y características”

A identificação da função atributiva dos verbos é a mais simples e de fácil reconhecimento na maioria dos casos, porém, a identificação da função predicativa pode não ser tão simples. Os autores não chegaram ainda a uma conclusão definitiva a respeito dessa separação dos usos. Mira Mateus, por exemplo, reconhece que aos diferentes usos de *ser* correspondem significados distintos e elabora para o verbo *ser* o seguinte modelo de identificação de usos:

1. Verbo *ser* como predicador verbal:

- a) predicador estativo existencial: “predicador de um lugar, com um argumento paciente ... acerca do qual se predica a existência”: *penso, logo sou*.

b) Predicador estativo identificacional: aparece em “enunciados definitórios ... o *ser* exprime uma relação de **equivalência** entre a entidade designada pelo argumento paciente e a designada pelo argumento neutro – o termo definidor”, este é um nominal não marcado. Dá por exemplo: a) *Orbital* (PAC) *é a região do espaço onde, com maior probabilidade, se pode encontrar o electrão* (N); b) *O triângulo* (PAC) *é uma figura geométrica plana, fechada, com três lados e três ângulos*(N).

O *ser* também ocorre em enunciados identificacionais, a autora considera este um caso particular de equivalência, em que o *ser* “**identifica** a entidade designada pelo argumento paciente com a designada pelo argumento neutro”, neste caso, ambos são “semanticamente nomes próprios”: *O sr. José*(PAC) *é o porteiro da Faculdade*(N).

2. Verbo *ser* como predicativo:

A autora denomina verbo predicativo às ocorrências de *ser* em enunciados em que o verbo é seguido de um predicador não verbal (nome ou adjetivo). Nestas ocorrências é que se verifica a necessidade de distinção entre *ser* e *estar*; o verbo é escolhido com base na função aspectual do predicador.

3. Verbo *ser* como verbo de cópula:

É o caso em que o verbo *ser* nem é predicador verbal nem predicativo (conforme descrito em 1 e 2 acima), ele não tem valor semântico, e sua função é limitada à de suporte sintático. A autora os refere como verbos que se apresentam “*como efeito de certos processos sintáticos*”:
a) *A ourivesaria foi assaltada pela quadrilha do Zé da Pulga.* (“efeito da morfologia passiva”);
b) *Foi a quadrilha do Zé da Pulga que assaltou a ourivesaria.* (efeito de “processo de marcação de tópico”);
c) *A quadrilha do Zé da Pulga é que assaltou a ourivesaria.* (efeito de “processo de marcação de foco narrativo”).

A questão da distinção dos usos de *ser* e *estar* é relativamente complexa. Existe uma profusão de frases em que esses verbos, notadamente o verbo *ser*, ocorrem, e nem todas se sujeitam a uma análise rápida e fácil.

Para efeito deste trabalho, daremos preferência à nomenclatura apresentada inicialmente, ou seja, consideraremos usos atributivos aqueles com substantivo e adjetivo, cuja finalidade é

atribuir valor ou qualidade ou determinar uma característica intrínseca do sujeito. Essa abordagem nos parece mais simples e cobre boa parte dos usos de *ser* e de *estar*.

Ao longo da pesquisa encontramos muitos casos em que a qualidade atribuída ao sujeito não era intrínseca, em muitos desses casos optamos por dar o tratamento de uso predicativo.

Às outras ocorrências nomeamos usos predicativos.

2.2 Usos auxiliares de *ser* e *estar*

A função auxiliar de *ser* e de *estar* ocorre basicamente nas seguintes situações: são auxiliares na formação da voz passiva, e em locuções verbais com particípio, com gerúndio ou em construções do tipo: *estar + por + infinitivo*, *estar + para + infinitivo*, ou com um verbo modal (*poder*) + *estar/ser (no infinitivo) + verbo no particípio*. Há os usos em construções completivas do tipo: a) *É necessário / importante / possível / aceitável / lamentável que ele não venha*; b) *Ele está consciente / confiante / de que fará o melhor*; c) *A chuva é capaz de destruir tudo*.

Faremos a seguir uma breve apresentação destes casos sem nos aprofundarmos no assunto, pois a voz passiva, as construções perifrásticas, ou mesmo as completivas não são o objeto de estudo deste trabalho, consideremos válida a sua menção por se tratar de ocorrências freqüentes no português.

2.2.1. *Ser* e *estar* na voz passiva

Ser e *estar* funcionam diferentemente na construção da voz passiva.

O verbo *ser* constrói junto com o particípio de outro verbo de ação a voz passiva “de ação”. Um verbo como “definir” na voz ativa expressa uma ação praticada por um sujeito, a exemplo de *O governo argentino definiu as prioridades econômicas*, mas na voz passiva este sujeito, agora agente da passiva, torna-se desnecessário para a compreensão do conteúdo do enunciado. O verbo *ser* é auxiliar de outro verbo que carrega o valor semântico, cabendo a *ser* as noções de tempo, pessoa e número, A ausência do agente da passiva é comum

principalmente quando a oração na voz passiva é uma subordinada, esta informação passa a ser irrelevante no contexto, como em (28):

- (28) Mas, como já se podia perceber quando *foram* definidos o governo provisório e a fórmula institucional da transição no país vizinho, a elite governante argentina não entendeu o recado da população.

O verbo *estar* constrói voz passiva de estado nos mesmos moldes formais da voz passiva de ação, porém o significado expresso no enunciado é outro, ele denota estado de coisas e é o resultado de uma ação. O verbo “definir”, do exemplo acima, aceita construção na voz passiva de estado, como em (29):

- (29) As medidas para combate à sonegação de impostos no país já estão definidas no plano de governo.

2.2.2 *Ser e estar* em locuções ou perífrases verbais

A formação de perífrases em português ocorre também com presença dos verbos *ser* e *estar* em construções como as que se seguem.

O verbo *ser* aparece no infinitivo, seguido ou não do particípio de outro verbo, em estruturas com verbos modais como: “poder”, “deixar” e “dever”, como nos exemplos (30) e (31):

- (30) Essa experiência - que numa segunda etapa deverá *ser* estendida a outras regiões, como a Rua 25 de Março, onde o problema é particularmente grave - poderá dar certo, porque é uma forma engenhosa de unir os esforços do poder público, que não tem condições de contratar o número de fiscais necessários a uma vigilância permanente, e dos empresários prejudicados pelo comércio ambulante.
- (31) A fuga de dinheiro impressiona também porque foi justamente no final de novembro que o governo do ex-presidente Fernando De La Rúa limitou os saques em US\$ 250 semanais. Sem a restrição, os saques poderiam *ser* maiores.

O verbo *estar* aparece normalmente na formação de perífrases, seguido de gerúndio, como em (32). O verbo *ser* também pode aparecer nestas estruturas no gerúndio, seguido do particípio de outro verbo. Nestes casos, os verbos auxiliares *ser* e *estar* contribuem para a configuração aspectual.

- (32) Outro sinal de que a saúde econômica dos EUA pode *estar* sendo posta à prova foi o comportamento do dólar no último mês.

2.2.3 *Ser e estar* nas construções completivas

Não podemos deixar de considerar entre os usos de *ser* e de *estar* as construções completivas, pois elas são recorrentes na língua portuguesa. Essas construções, assim como outras aparentadas, são objeto de estudo de Carteleiro⁶⁴ e são também analisadas nas gramáticas do português, Mira Mateus⁶⁵ o faz no capítulo dedicado às estruturas de subordinação. Polenz também analisa frases correspondentes e outras semelhantes (típicas do alemão) na sua teoria da *Satzsemantik*, quando trata das estruturas complexas⁶⁶.

Consideremos os exemplos:

- (33) *É* provável que a situação se complique.
- (34) *É* essencial que todas as violações sejam investigadas exaustivamente.
- (35) Ele *está* consciente de que fará o melhor.
- (36) A chuva *é* capaz de destruir a lavoura.
- (37) Este adubo *é* aconselhável a esse terreno para que produza mais.

Mira Mateus faz inicialmente uma análise da estrutura subjacente das frases, na qual identifica cada um dos componentes e a sua posição na frase, para então interpretar semanticamente o papel dos componentes, entre eles o do verbo.

⁶⁴ Conf. CASTELEIRO (1981).

⁶⁵ Conf. Mira Mateus (1983 p. 426-437)

⁶⁶ Conf. Polenz (1985 p. 231-289)

Casteleiro parte para uma interpretação semântica do papel do adjetivo nessas estruturas.

Ambos concordam tratar-se de construções bi-frásicas nas quais o adjetivo rege a oração completiva e não o verbo. Portanto será o adjetivo quem definirá a opção pelo verbo *ser* ou *estar*. Há nesse tipo de construção adjetivos de um lugar e adjetivos de dois lugares. Os adjetivos *provável* e *essencial*, por exemplo, são adjetivos de um lugar, ou predicadores de um lugar, como afirma Mira Mateus, e este é preenchido pela oração subordinada. Os adjetivos do tipo *consciente* e *capaz* são predicadores de dois lugares; e *aconselhável* admite um ou dois lugares a serem preenchidos.

Podemos, então, verificar o uso de *ser* e de *estar* nessas construções por meio do adjetivo.

Um adjetivo como *aconselhável* é compatível com o verbo *ser* em exemplos como em (38)

(38) Este adubo *é* aconselhável a esse terreno para que produza mais.

E pode ser testado em outras frases parecidas, porém com o verbo *estar* não seria compatível.

Nos exemplos (39) a (41)

(39) *É* provável que a situação se complique.

(40) *É* essencial que todas as violações sejam investigadas exaustivamente.

(41) A chuva *é* capaz de destruir a lavoura.

Os adjetivos *provável*, *essencial* e *capaz* também são compatíveis apenas com o verbo *ser*.

Já no exemplo (42)

(42) Ele *está* consciente de que fará o melhor.

O adjetivo admite tanto *ser* quanto *estar*. A variação de compatibilidade desta e de outras frases resulta da natureza semântica dos elementos que a compõem.

2.2.4 Quadro resumo dos usos de *ser* e *estar*

Estes verbos exercem três funções fundamentais: auxiliar (da passiva e em perífrases), atributivo e predicativo. O quadro que se segue mostra resumo das principais funções sintáticas dos verbos *ser* e *estar* que acabamos de expor.

FUNÇÕES DE *SER* E *ESTAR*

FUNÇÃO			SER	ESTAR
Função predicativa	Existir / ocorrer / ter lugar Localização		Deus <i>é</i> . A reunião <i>é</i> às seis.	O chefe <i>está</i> na sua sala
	Equivalência		O alcaçuz <i>é</i> uma planta de raiz doce e medicinal Essa experiência <i>é</i> uma forma engenhosa de unir esforços do poder público	A <i>está</i> para B, assim como C <i>está</i> para D.
	Com preposição (origem, propriedade, finalidade, iminência)		O carro <i>é</i> do Pedro A cadeira <i>é</i> para ele se sentar Ele <i>é</i> do Rio de Janeiro	O presidente <i>está</i> para chegar Os dois países estão na iminência de um confronto
Função atributiva	Com adjetivo		A piada <i>é</i> boa	O jantar <i>estava</i> bom
	Com substantivo		Joaquim <i>é</i> médico	O menino <i>está</i> triste
Função auxiliar	Voz passiva	De ação	A forma de governo <i>foi</i> definida	Não ocorre
		De estado	Não ocorre	A forma de governo <i>está</i> definida.
	perífrases verbais	Com gerúndio		Uma nova ordem científica <i>está</i> surgindo
		Com particípio	Aquele homem parece <i>ser</i> vivido (<i>particípio com conotação de adjetivo</i>)	O conflito poderia <i>estar</i> encerrado
	Com verbos modais	Os saques poderiam <i>ser</i> maiores	O paciente pode <i>estar</i> morto agora	

Sem dúvida, a tarefa de buscar explicação para os empregos de *ser* e *estar* e estabelecer um modelo geral de usos é bastante difícil, demandaria um levantamento exaustivo e análise individual atrelada às situações de uso. Um inventário nesses termos não é o objetivo do presente trabalho. Pretendemos nos ater a alguns dos casos mais complexos. Portanto, abordaremos os usos denominados predicativos e os atributivos, por serem os que geram mais dificuldades para os estrangeiros que aprendem o português.

3. Análise de usos predicativos de *ser* e *estar*

Denominamos usos predicativos todos aqueles que, conforme nos explica Ruiz, indicam um processo ou um estado do sujeito, que lhe é externo e que não afeta a sua natureza ou maneira de ser.

A esse grupo pertencem frases que indicam relações do tipo que podemos conferir nas frases abaixo:

(43) A informação é do governador de São Paulo.

(44) O futuro é nossa responsabilidade.

(01) O recrudescimento da tuberculose é um problema mundial.

(21) Os pefelistas estão certos de que a candidatura Roseana é irreversível.

(45) Roseana *está* na faixa dos que reconhecem os méritos do governo e querem uma opção segura.

(46) "O fato de que, nesse contexto, a integridade física e moral das mulheres seja 'negociada' por doações de cestas básicas é um problema moral cuja solução pode ser encontrada na redefinição dos termos da lei."

Exemplos como os acima relacionados são apenas alguns entre os que coletamos em textos publicados em jornais e revistas de grande circulação, portanto pertencem ao uso comum e atual da língua.

Os autores que tratam dos usos de *ser* e *estar* normalmente dedicam maior atenção aos casos de usos atributivos, pois é nesse ponto que reside a enigmática oposição *ser* e *estar*.

O grupo dos usos predicativos, como dos exemplos acima, normalmente é considerado mais simples, Ballesteros⁶⁷, por exemplo, os chama de "usos menos problemáticos" e os classifica de acordo com critérios formais, separando-os em grupos de usos com substantivo, pronomes, infinitivos, e de acordo com critérios semânticos, conforme sua finalidade: expressar origem, matéria da qual é feito o elemento expresso pelo sujeito, tempo, temperatura, quantidade,

localização. Em outro capítulo, a autora volta a tratar do mesmo tipo de frase, ainda com base na função semântica do predicador, mas opondo *ser* e *estar*.

Uma explicação mais gramatical para estes modelos de frases é dada por Mira Mateus⁶⁸, que analisa os mecanismos de predicação e agrupa os predicadores em tipos de predicadores de acordo com os traços semânticos de cada um. A autora considera inclusive a teoria da valência, embora indiretamente, quando se refere à exigência de complementos pelo predicador:

“Aos predicadores que exigem apenas um argumento chamamos predicadores de um lugar, aos que exigem dois argumentos chamamos predicadores de dois lugares e aos que exigem três argumentos chamamos predicadores de três lugares”.

Essa abordagem é muito semelhante à proposta de Polenz para a *Satzsemantik* (semântica da frase). É este o ponto de vista que nos interessa e que é base para a classificação que faremos a seguir.

Consideramos a teoria da *Satzsemantik* de Polenz perfeitamente adequada à análise dos usos dos verbos *ser* e *estar* porque esta teoria sugere um caminho a se seguir para a classificação destes usos que se baseia em critérios sintáticos e semânticos, e não apenas em um ou outro critério, além de contemplar a língua em uso. O que nos parece uma análise embasada em argumentos teóricos fortes. Talvez a única adaptação que deveria ser feita, neste caso, diz respeito à lista de tipos de classificação dos predicadores, encontrada em Polenz. O próprio autor declara a necessidade de uma ampliação dessa lista que ele desenvolveu, a qual reproduzimos no início deste trabalho. Faremos acréscimos tanto para fins de análise dos exemplos em português como em alemão. Vale lembrar que a lista de Polenz é bastante abrangente, mas não tem os fins específicos como os deste trabalho.

Na semântica da frase (*Satzsemantik*) fala-se em classes de predicados (*Prädikatsklassen*), ao invés de classes de verbos (*Verbklassen*). A realização das classes de predicado junto ao verbo pode se dar também por meio de substantivos ou de adjetivos predicadores. Os predicadores,

⁶⁷ Conf. Ballesteros, 1988

⁶⁸ conf. Mira Mateus p 45-153

serão definidos, conforme seu conteúdo, em: predicadores de ação, de processo, de estado, de qualificação, de gênero. A sua complementação é dada pelos papéis semânticos correspondentes.⁶⁹

Consideremos os exemplos (47) a (52) :

(47) A cisão *é* total entre a classe política e a população.

(48) Os outros candidatos possíveis *são* o atual ministro interino das Relações Exteriores, que não tem ambições presidenciais-, e ... (o) líder da maioria no Senado e ex-secretário do PC. Seu defeito: *é* próximo demais de Chernomyrdin.

(49) A popularidade do presidente Boris Yeltsin *está* quase no fundo do poço.

(50) A inflação já *está* de volta.

(51) As forças da Coalizão Democrática Congoleza já *estão* nos subúrbios da cidade de Kindu.

Nos exemplos acima os verbos pertencem à mesma categoria sintática, i.e., são verbos nominais. Além disso, verificamos que cada um dos exemplos descreve um estado de coisas. Porém, os seus predicadores pertencem a classes distintas.

Inscrevemos, seguindo Polenz, esses exemplos em português sob o status de *Zustandsprädikat* (predicado de estado), por descreverem situações ou circunstâncias, mesmo que tais circunstâncias tenham se originado em processo de transformação anterior, como é o caso de (47), (48) e (49).

Apenas em (51) não temos o mesmo de processo de transformação presentes nos outros exemplos. Em (47), substantivo *cisão*, graças às características do seu conteúdo lexical, abre dois espaços a serem preenchidos por argumentos, um é introduzido, por um lado, pela preposição que rege o substantivo (entre), e o outro complemento exigido, o predicador, será representado por um adjetivo. Não classificamos esta frase como um *Eingenschaftsprädikat*

⁶⁹ conf. Polenz (1985)

porque entendemos que o adjetivo presente na construção não é um caracterizador para este tipo de predicado nos moldes da descrição de Polenz que afirma que *Eigenschaftsprädikate* “sind Aussagen über Zustände von Lebewesen, Sachen oder Abstraktbegriffen, die grundsätzlich unveränderlich sind”⁷⁰.

Em (49) e (50), o processo de transformação é dado pelo predicador, que ocupa a posição depois do verbo.

A classificação dos exemplos em *Zustandspredikat* é insuficiente. Falta identificar os papéis semânticos dos predicadores de cada caso para classificar as ocorrências.

Em (47) A cisão é total (QUANT) entre a classe política e a população.

Temos um predicador quantificador, representado pelo adjetivo *total*.

Em (48),

(48) Os outros candidatos possíveis são o atual ministro interino das Relações Exteriores, ... que não tem ambições presidenciais-, e ... (o) líder da maioria no Senado e ex-secretário do PC (IDENT). Seu defeito: é próximo demais de Chernomyrdin (QUALIF).

Os predicadores identificados são dois:

1. o atual ministro ... e o líder da maioria no Senado, que classificamos como identificador (IDENT); pois sua função é identificar quais são os candidatos.
2. é próximo demais de... , que classificamos como qualificador (QUALIF).

Na verdade reescrevemos este sintagma predicador:

Seu defeito é *ser próximo demais de Chernomyrdin*. / *ser aliado de Chernomyrdin*, o termo *aliado* é um adjetivo qualificador.

Vejamos o exemplo (49)

(49) A popularidade do presidente Boris Yeltsin *está* quase no fundo do poço ().

⁷⁰ “são proposições em princípio imutáveis sobre o estado de seres, coisas ou conceitos abstratos”. Grifo nosso.

Também aqui precisamos substituir o predicador que está em linguagem metafórica, para podermos identificá-lo melhor. Do modo como o predicador está colocado poderíamos entendê-lo erroneamente como um locativo, quando na verdade há ali um adjetivo que qualifica uma determinada situação, o chamamos de “qualificador de situação” (QUALSIT) O exemplo fica assim:

(49) a A popularidade do presidente Boris Yeltsin *está* quase esgotada / muito baixa_(QUALSIT) .

No exemplo (50)

(50) A inflação já *está* de volta_(SIT)

Temos a descrição de uma situação em momento. Apesar de o predicador *de volta* indicar regresso, entendemos que, no exemplo específico, a intenção é descrever um ambiente sócio-econômico, portanto preferimos denominá-lo situação (SIT).

A frase poderia ser outra:

(52) O João já *está* de volta à sua casa_(REGR).

Neste caso, entenderíamos de maneira diversa, pois o predicador indicaria regresso, retorno (REGR).

Em (51),

(51) As forças da Coalizão Democrática Congoleza já *estão* nos subúrbios da cidade de Kindu_(LOC).

temos claramente um locativo, pois o nome Coalizão Democrática Congoleza é a denominação de um grupo de rebeldes do Congo, e o predicador localiza fisicamente a sua posição.

Vejamos mais alguns exemplos:

(52) Este vinho é da França_(ORIG).

Em (53), temos um predicador com preposição “de” que indica neste caso origem, procedência.

(54) O vaso era de plástico (MAT).

Em (54) o predicado não indica procedência de algo, mas sim a matéria-prima da qual um produto foi fabricado, denominamos aqui material (MAT).

O tipo de relação semântica expressa pelo predicador pode, como vimos, fornecer os dados para classificação dos usos predicativos dos verbos *ser* e *estar*.

Embora esses usos sejam considerados os menos problemáticos, entendemos que uma classificação o mais completa possível seria no mínimo trabalhosa, já que nos deparamos com duas variantes, uma é a significativa quantidade de frases que podemos encontrar na língua em uso, principalmente na sua variante escrita, a outra é a dificuldade de identificar e nomear cada uma delas. Soma-se a isso o fato de que a atenção dada a tais estruturas é ainda pouco expressiva.

4. Análise de usos atributivos de *ser* e *estar*

Os usos atributivos de *ser* e de *estar* são considerados como os que geram maior dificuldade de compreensão. Essa fama se justifica em grande parte pela possibilidade de intercâmbio que há entre esses verbos em frases atributivas como: *a menina é grande / a menina está grande*. Os usos atributivos ocorrem em presença de um nome, substantivo ou adjetivo. Provavelmente, a dificuldade esteja em reconhecer quais adjetivos ou substantivos combinam com *ser* e quais com *estar*, e no caso de possibilidade de intercâmbio, o que determina a opção.

As gramáticas solucionam boa parte do problema por meio da análise da natureza aspectual das ocorrências desses verbos. O aspecto fornece a noção de duração, inerência e permanência, importantes para comparar e explicar frases que podem ocorrer com os dois verbos em presença de adjetivos.

Além do ponto de vista oferecido pela oposição aspectual, defendemos aqui duas outras perspectivas de ordem teórica; primeiro, a gramática de valência, mais precisamente a valência do adjetivo e do substantivo, que pode fornecer elementos para sustentar uma interpretação de usos dos verbos *ser* e *estar* baseada na análise dos complementos; e em segundo lugar, uma análise que considere a opção feita pelo falante/escritor e o contexto em ela ocorre.

Um dos fatores que dificulta o entendimento do uso dos verbos *ser* e *estar* é variação da noção de duração e de transitoriedade presentes nas interpretações.

Em geral, um para adjetivo que contém uma qualidade que se crê permanente, usa-se o verbo *ser*, se, no entanto, essa qualidade é considerada transitória ou acidental, usa-se o verbo *estar*. Porém, o que se verifica na prática é que esta classificação é insuficiente, como podemos constatar nos exemplos abaixo.

(55) Não temos notícia dele, nem mesmo sabemos se *está* vivo ou morto.

Morto é um adjetivo que expressa uma qualidade definitiva, porém o verbo empregado é *estar* e não *ser*.

A distinção permanente ou acidental é aplicável a casos como dos seguintes exemplos:

(56) A cidade é bonita

(57) A cidade *está* bonita.

O exemplo (56) expressa uma qualidade que se imagina ser mais durável, já no exemplo (57) fica clara a idéia de aparência momentânea.

Na verdade, em nenhuma das duas frases *está* expresso o tempo ou a duração da característica atribuída ao sujeito. Em (56), parece existir como pano de fundo para o verbos *estar* uma noção de processo de transformação ocorrido. Algo foi feito e tornou a cidade bonita. Talvez pudéssemos pensar no verbo *estar* como um verbo de transformação ou de processo. Afinal, quando um falante profere essa frase é possível que essa idéia esteja presente, embora implícita. Dependeríamos da análise do contexto em que a frase foi proferida.

Alguns adjetivos carregam um valor semântico de um processo de transformação ocorrido. Podemos conferir nos exemplos:

(58) A jaca está verde.

(59) A jaca está madura.

(60) O general está gordo.

(61) O agrião (já) está amarelo.

Entre (58) e (59) conferimos o processo por duas vias, pela oposição verde (impróprio para consumo) e maduro que, além de indicar estado próprio para consumo, carrega a idéia do processo presente no verbo amadurecer. *Gordo* também é um adjetivo que sugere um processo de mudança sofrida pelo sujeito. Alguns adjetivos que indicam cores, como no exemplo (61) acima, expressam além de uma característica, a idéia de transição de um estado físico para outro.

Podemos encontrar frases como:

(62) João *é* solteiro.

(63) João *está* solteiro.

Normalmente, uma pessoa, ao preencher um formulário, responderá a uma pergunta sobre o seu estado civil, se solteira, casa, viúva, divorciada. Porém, para descrever este estado, usa-se, preferencialmente, o verbo *ser*. É possível usar o verbo estar, porém, considera-se que com o verbo *estar*, a condição é temporária.

Portanto, nem sempre se aplica o verbo *estar* a uma condição considerada temporária, assim como não se aplica sempre o verbo *ser* a uma condição ou qualidade permanente.

Borba⁷¹ comenta a questão da oposição inerência/transitoriedade do português como um princípio de essência (com verbo *ser*) e acidente (com o verbo *estar*). Ele nos diz que “aquilo que se torna nota ou traço habitual do nome exige *ser*”. O autor descreve alguns adjetivos que são usados normalmente com *ser* e outros com *estar*, sendo que com *estar* indica um estado

passageiro. Porém, ele acrescenta que esta oposição é "tumultuada" e que, na verdade, depende do falante, e do que ele considera como qualidade acidental ou essencial, a opção por um ou outro verbo.

O verbo *estar* pode ser associado à expressão de uma qualidade resultante de um processo ou de uma ação sofrida pelo sujeito por outra via. Trata-se aqui do particípio passado empregado como adjetivo. Podemos conferir nos exemplos:

(64) O porto *está* interditado.

(65) As terras daquela fazenda *estão* servidas de boa água e verdes pastos.

Interditado e *servida* são formas originalmente verbais que passaram para a categoria dos adjetivos⁷², mas que não perderam o seu conteúdo semântico original, i.e., a ação de *interditar* e *servir* ainda estão presentes, em menor ou maior grau, no particípio (agora adjetivo).

A questão da idéia de permanência e transitoriedade ainda suscita dúvidas. A um nativo de outra língua essa noção pode não ser clara e, portanto, não servir para esclarecer as dúvidas quanto ao uso de *ser* e *estar* com base nessa distinção. Mesmo porque, como vimos, é possível atribuir qualidades transitórias com o ver *ser* e características permanentes com *estar*. Ruiz prefere atribuir ao verbo *estar* e não ao verbo *ser* a noção de permanência pois segundo ele:

“Permanencia es una duración indefinida, que puede ser larga o corta, que puede ser definitiva o transitoria. ... El verdadero lugar del verbo *estar* se encuentra aquí, entre los verbos atributivos de permanencia. El verbo *estar* es un verbo durativo y como tal, capaz de indicar la permanencia de una calidad o estado”.

Além das noções de inerência e permanência e da oposição entre as características acidentais versus essenciais, devemos considerar o falante como participante ativo do processo de comunicação, detentor do conhecimento e consciente da sua língua. Poderíamos pensar que um falante que não conhece o general, nosso personagem do exemplo (60) acima, assim que

⁷¹ Borba (p. 70-71, 1996)

o conhece afirma: *O general é gordo*, mas um amigo que não o vê a muito tempo, diria diferente: *O general está gordo*. É, portanto, o falante quem determina qual verbo é adequado para a circunstância, o uso de um verbo ou do outro depende do seu ponto de vista. Essa consciência falta a um indivíduo estrangeiro que aprende o português.

A esse respeito Ruiz afirma que o verbo *ser* prescinde do tempo enquanto duração, para ele, não se fala de transitório ou de permanente, mas sim de atemporal; a noção de transitoriedade ou de permanência é uma dedução da mente humana, que maneja as expressões. No verbo *ser* não há esses matizes, ele situa os fenômenos na não-duração e na imutabilidade. O verbo *estar* carrega a idéia de duração, curta ou longa, permanente ou transitória, de transcurso de tempo, e a noção de mutabilidade.

A oposição aspectual de *ser* e de *estar* é sem dúvida de grande valor, mesmo assim, deixa algumas questões em aberto. Uma delas diz respeito à análise dos usos de *ser* e *estar* com substantivos. Possivelmente, a teoria da valência, pode nos dar um reforço teórico para tentarmos compreender melhor as relações sintático-semânticas de algumas ocorrências. Nos apoiamos em Borba⁷³ para esta complementação.

Borba define as orações em dois tipos básicos de orações, sendo um dos dois tipos as estativas, as quais “têm um núcleo predicativo que não envolve qualquer mudança”, incluem-se aí as orações com os verbos *ser* e *estar*. Nestas o núcleo do predicativo é um adjetivo ou um nome. Isso implica em que estas orações tenham apenas um argumento. Certamente Borba se refere, neste ponto, aos argumentos obrigatórios, ou actantes. Tratar de valência do adjetivo é analisar a quais argumentos ele se liga, e de que maneira isso ocorre. Como estamos tratando de frases predicativas e atributivas, não nos interessa a valência de adjetivos, ou de substantivos, em posição adnominal.

Em termos de valência sintática das frases atributivas (e mesmo das predicativas), o adjetivo se liga ao sujeito, que pode ser um nome (ou sintagma nominal), um pronome, ou uma oração, sendo que o adjetivo não aceita qualquer oração na posição de sujeito. Borba cita como

⁷² Para esclarecer as dúvidas quanto ao fato de um particípio ser ou não considerado um adjetivo, recorreremos aos dicionários de Antonio Houaiss e Francisco da Silva Borba.

⁷³ Conf. Borba (1996)

exemplo: *Que José coma bastante é gordo*. Como vemos, a valência se aplica aos diferentes tipos de frases com ser e estar, as atributivas, predicativas e a as estruturas completivas.

A aceitação do sujeito pelo adjetivo vai depender em grande parte dos traços de natureza semântica de ambos (\pm hum, \pm anim, \pm cont, \pm conc⁷⁴). Deve haver compatibilização entre os traços semânticos do adjetivo e do sujeito. Um adjetivo como *impaciente*, que possui traço +anim., exigirá como complemento um sujeito que possua o mesmo traço. Se isso não ocorrer, não haverá uma construção aceitável. Vejamos o exemplo do próprio Borba:

(66) Este cavalo (menino, homem, leão, *porta) *está* impaciente por sair da chuva.

A escolha seguinte é mais uma questão de uso da língua do que propriamente gramatical. Trata-se da opção que o falante fará por *ser* ou por *estar*. Neste ponto outros elementos completarão o processo de comunicação.

Heringer⁷⁵ acrescenta à teoria da valência um fenômeno que ele chama de Valência de seleção (*selektionale Valez*). Segundo ele, um verbo ou o seu predicado, seleciona, de acordo com o seu significado, apenas determinados sintagmas para preenchimento das suas casas vazias.

O adjetivo tem um traço semântico específico que é compatível com o traço do nome (sujeito). Existem variadas combinações possíveis, conforme as características desses traços semânticos. É o que constitui a dinâmica da linguagem e permite a variedade na comunicação.

A classe dos adjetivos é muito rica, não apenas numericamente, como também em termos das classificações possíveis, e podem ser usados em função denotativa e conotativa. Isso implica que adjetivos em função denotativa seriam associados a determinados nomes, em função denotativa se associa a outros nomes. Além disso, pela própria função denotativa, o número de adjetivos, ou termos usados como adjetivos, cresce.

Borba também nos auxilia a esclarecer uma questão a respeito do uso de nomes na posição de adjetivo. Como nos exemplos abaixo:

(67) Marcos é um médico

⁷⁴ humano, animado, contável, concreto.

⁷⁵ Conf. Heringer (1989 p. 128)

(68) Marcos é médico

A dúvida é quanto à classificação desse tipo de nome como adjetivos ou não. Para identificação do sintagma como nome, devemos fazer alguns testes. Um nome combina com adjetivos, *um médico competente*. Um nome não aceita gradação, não seria possível: *Marcos é um muito professor*. Pode-se ainda perguntar: Qual é a profissão de Marcos? *Marcos é um médico*, portanto Marcos pode ser incluído na classe dos indivíduos que são professores.

No exemplo (68), a verificação do nome *médico* como adjetivo pode ser feita por meio de uma verificação que implica acrescentar outro: *Marcos é médico e arrogante*. Pode-se também acrescentar gradação: *Marcos é muito médico (para o meu gosto)*. A aceitação da gradação é típica de adjetivos.

A língua oferece os recursos necessários à comunicação, mas é seu usuário, o falante, o responsável final pela “tradução da realidade”, e o faz em acordo com a sua vontade e com o seu conhecimento de mundo (suas crenças, cultura, opiniões e avaliações).

IV – Usos do verbo *sein*

1. Introdução

A exemplo das gramáticas em português, não encontramos também para o alemão uma gramática que sistematizasse os usos do verbo *sein*, embora este seja um dos verbos mais recorrentes na língua. Encontramos algumas páginas de universidades alemãs que divulgam os títulos um resumo das pesquisas em andamento, dentre as quais há pesquisas de cunho contrastivo com algumas línguas europeias sobre os usos de verbo *sein*. Como são trabalhos em andamento, não tivemos acesso ao seu teor, quando muito um breve resumo.

Não houve dificuldade em encontrar nos textos publicados em jornais e revistas exemplos que ilustrassem as diferentes possibilidades de uso do *sein*.

As funções cumpridas pelo verbo *sein* do alemão são semelhantes às funções de *ser* e *estar* no português, por isso procuramos, na medida do possível, dar para esses usos um tratamento semelhante ao dado às análises de *ser* e *estar*. Porém, como aqui temos apenas um verbo e não mais dois, não há oposição a ser feita. Portanto, a classificação que faremos a seguir é mais direta, i.e., optamos por uma segmentação inicial nos mesmos moldes do que fizemos para o português, e em seguida uma classificação pelos tipos de usos identificados, porém, não trataremos para o alemão da diferenciação predicativo/atributivo porque não encontramos nas gramáticas alemãs consultadas referências claras e objetivas a essa distinção. O tratamento dado é de uso predicativo para todos os casos em que o verbo seja copulativo. Procuramos discutir um pouco a questão da necessidade de uma análise mais detida de alguns casos de *sein*.

2. Características gerais dos usos de *sein*

O verbo *sein* é empregado em funções sintáticas semelhantes às do português para *ser* e *estar*, ou seja, ele é verbo predicativo, com função copulativa, é auxiliar na formação da voz passiva de estado, auxiliar na formação do Perfekt, é auxiliar com verbos modais, para indicar obrigatoriedade, possibilidade, exigência, permissão, proibição etc, ele é empregado

ainda em estruturas sintáticas do tipo: *sein* + partícula *zu* + verbo no infinitivo. Helbig⁷⁶ inclui também o emprego do *sein* em dois casos, com frases nominais e como verbo pleno (Vollverb) em algumas construções frasais. São esses os usos principais do *sein* no alemão.

Segue um quadro resumo desses usos, e exemplos:

Usos do verbo *sein*

Função predicativa* <i>Sein</i> = cópula	Com adjetivo	Die Fremden sind schuld. Alle bisherige Biotechnik war für uns Menschen äußerlich.
	Com substantivo	Die neuen Bewegungen sind vielmehr Symptom für die Krise des klassischen Nationalstaates. Er ist Lehrer.
	Com locativo	Das Auto ist in der Werkstatt. Er ist da.
	Com substantivo = Para identificação	Das ist der Lehrer. Der Mann dort ist der Lehrer.
Função auxiliar	Voz passiva de estado	Wie vor zehn Jahren verabredet, <i>ist</i> auch der Repórter der Zeit <i>eingelanden</i> .
	Passiv Perfekt	Der Brief <i>ist</i> von ihm einem Kollegen <i>mitgegeben worden</i> .
	Perfekt	Er <i>ist</i> nach Italien <i>gefahren</i> .
Usos gramaticais / estruturas sintáticas fixas	<i>Sein</i> + <i>zu</i> + infinitivo	Aber von einer aggressiven oder gar feindlichen Haltung gegen den Westen <i>ist</i> unter chinesischen Jugendlichen wenig <i>zu spüren</i> . Die Aufgaben <i>sind</i> bis Morgen <i>zu lösen</i> . (etwas <i>sein</i> + <i>zu</i> = inf.)
	Construções completivas	Es <i>ist</i> wichtig, <i>dass</i> wir uns einigen. Es <i>ist</i> meine Meinung, <i>dass</i> er Recht hat. Es <i>ist</i> wichtiger, die komplizierte Klaviatur schonend zu bespielen, als sie wild umzukonstruieren.

⁷⁶ Conf. Helbig (1989 p. 102-103).

3. Sein como verbo auxiliar

Os usos do verbo *sein* na função auxiliar são verificados basicamente nos seguintes casos.

3.1 Auxiliar na formação do tempo verbal *Perfekt*.

O verbo *sein* é auxiliar na formação do tempo verbal *Perfekt* quando o verbo principal pertence ao grupo de verbos genericamente denominados verbos de movimento (*Bewegungsverben*), estes verbos descrevem movimentos físicos e alguns outros tipos de mudança, como por exemplo: *umziehen* (mudar de casa): *er ist von Wien nach Paris umgezogen*, (o verbo *umziehen* com sentido de trocar de roupa, tem como auxiliar na formação do *Perfekt* o verbo *haben*), ou ainda permanência ou estada em locais, como o próprio *sein* com sentido de *estar*: *Sein Vater ist gestern in London gewesen*.

A construção sintática desse tipo de frase se dá por meio de uma *Verbalklammer*, o *sein*, conjugado, ocupa a segunda posição, e o verbo principal, no particípio, vai para o final da frase. como no exemplo (69)

(69) Ich *bin* (PAT) nach Hause (DIR) *gegangen*



Em termos de identificação sintático-semântica, o sujeito (*Ich*) é um PATIENS (PAT), e o sintagma nominal (*nach Hause*), um DIREKTIV (DIR).

3.2 O *sein* auxiliar na formação da voz passiva de estado – *Zustands- oder sein-Passiv*.

No alemão, a voz passiva de ação é formada com auxílio do verbo *haben*. O verbo *sein* auxilia na formação da passiva de estado. Este fato leva o brasileiro que aprende alemão a se confundir, já que a passiva de ação no português é formada com auxílio do verbo *ser*.

De modo semelhante ao que ocorre no português, é comum que o particípio receba também status de adjetivo. Isso gera algumas dúvidas quanto à consideração de uma frase como passiva de estado ou predicativo com adjetivo. Podemos ver nos exemplos (70) e (71) abaixo.

(70) Die Sache *ist erledigt!*

(71) Der Fall *ist für mich erledigt.*

Encontramos a frase em (70) em Eroms⁷⁷ como exemplo de passiva de estado. Já a frase (71) é exemplo de adjetivo predicativo no dicionário Langenscheidt. A sua interpretação como adjetivo ou verbo dependerá em grande medida do contexto.

3.3 Auxiliar com verbos modais

A respeito das construções com verbos modais, Polenz alerta que essas locuções são fortemente dependentes do contexto e devem ter sua interpretação semântica retida do contexto e não do conteúdo frasal simplesmente. Com os modais *können*, *wollen*, *mögen*, *dürfen*, podem significar: exigência, possibilidade, recomendação, reivindicação, proibição, permissão. Podemos conferir isso no exemplo (72) abaixo, que expressa uma “forte suposição”.

(72) Irgendwo *muss* der Schlüssel doch zu finden *sein*. (eine sehr sichere Vermutung)

4. Sein + zu + infinitivo

O alemão utiliza a partícula *zu* com variados fins.

4.1 Com participação do verbo *sein* temos o caso em que algo deve ser (incondicionalmente) feito, como no exemplo (73)

(74) Die Aufgaben *sind* bis Morgen zu lösen.

⁷⁷ Conf. Eroms (2000 p.403)

5. *Sein* em construções completivas.

A exemplo do português, o alemão possui construções frasais que se constituem de uma oração adjetiva e outra substantiva ou infinitiva. Vejamos o (75) abaixo.

(75) Es *ist* wichtig, daß wir uns einigen.

Como uma oração adjetiva, a oração também pode ser uma comparativa, como em (76):

(76) Es ist wichtiger, die komplizierte Klaviatur schonend zu bespielen, als sie wild umzukonstruieren.

6. Usos predicativos de *sein*

Embora alguns textos denominem as estruturas com *sein* como construções copulativas-predicativas, na prática, a distinção entre usos predicativos e atributivos nos moldes como descrevemos neste trabalho não ocorre nas gramáticas do alemão. Eventualmente encontramos alguns textos teóricos que mencionam essa possibilidade e até esboçam alguma separação, porém isso ocorre de modo ainda tímido, para atender a algum fim específico do capítulo do livro e não com vistas a uma classificação das ocorrências do *sein*. A prática é considerar o *sein* um *Zustandsverb*, i.e., como verbo que descreve um estado de coisas.

A consideração dos usos de *sein* em um único grupo denominado predicativo provavelmente leva à generalização e a se pensar em uma única função do *sein*, a copulativa.

Preferimos acompanhar as gramáticas do alemão e também apresentar os usos do *sein* sinaticamente, considerando todos como usos, a priori, predicativos. O verbo *sein*, salvo algumas exceções, será verbo copulativo e não acrescenta valor semântico à predicação. Embora, para efeito de distinção semântica, seria mais eficaz o agrupamento dos usos conforme a interpretação semântica dos complementos, ou predicadores.

6.1 *Sein* em função predicativa-atributiva

O atributo é sempre um adjetivo, ou um substantivo usado como adjetivo, que tem por finalidade atribuir qualidade ou característica a um nome, o sujeito.

6.6.1 *Sein* com adjetivo

Eroms⁷⁸ afirma que os adjetivos não são palavras autônomas, eles necessitam de uma base para a sua concretização, sendo a sua função básica a qualificação de pessoas, objetos ou circunstâncias. Todos os adjetivos, segundo o autor, podem ser empregados como atributos na posição de epítetos, mesmo os adverbiais, e justamente estes não são verificados em frases atributivas, com verbo *sein*. Isso nos dá um campo de ocorrência de *sein* com adjetivos bastante amplo. Um estudo que fizesse um levantamento exaustivo dos adjetivos e os classificasse, seria de grande utilidade para análise dos usos do verbo *sein*.

Uma análise que contemple apenas a sintaxe fornece informações insuficientes para a compreensão, já que uma frase está sempre inscrita em um contexto situacional.

O verbo *sein* é normalmente um verbo que se refere a um estado de coisas, uma situação, e a descreve por meio do predicador.

Vejamos a diferença entre os exemplos (77) e (78) abaixo.

(77) Betina *war* im Kino müde.

(78) Peter *war* in Berlin Lehrer.

O adjetivo *müde* e o nome *Lehrer* se aplicam a Betina e a Peter, respectivamente, e quando consideramos os sintagmas modificadores *im Kino* e *in Berlin*, tendemos a identificá-los imediatamente como locativos. As frases, então seriam equivalentes a um estado de coisas em um determinado lugar/espaco físico. Porém, muito mais é dito nas frases acima. Os modificadores, tanto em (77) quanto em (78) não indicam lugar, indicam espaco de tempo. Durante o período de tempo em que estive no cinema, Betina estava cansada. Durante o

⁷⁸ conf. Eroms (2000 p. 29-30)

período em que esteve em Berlin, Peter foi professor, ou pertenceu à categoria profissional de professor, exerceu uma atividade profissional. E aqui, no exemplo (78), nos confrontamos também com um exemplo semelhante ao que vimos anteriormente quando tratamos do uso de substantivo com *ser* e *estar*.

Frases como em (79) e (80) são afirmações geralmente incontestadas pelo seu valor de verdade, e não se pensa em uma duração para os argumentos da frase. No máximo será expresso a categoria tempo por meio do verbo, e essa localização no tempo não mudará o valor da expressão.

(79) *Sechs ist geradzahlig.*

(80) *Der Löwe ist ein Säugetier.*

Mas, vejamos o exemplo (81):

(81) *Das Kind war auf der Straße.*

Ainda verificamos um estado de coisas ou uma situação, sendo que *das Kind* é o “portador” dessa situação; pela descrição de Polenz, é o BENEFAKTIV (BEN), encontra-se na situação descrita pelo predicador *auf der Straße*, que é um LOCATIVO (LOC).

Heringer, no âmbito da definição de modelos frasais, especifica para os modelos de frase (*Satzmodelle*) os verbos correspondentes e o papel semântico do sujeito em cada modelo. O verbo *sein* é incluído no *existieren-Modell* e no *sein-Modell*, sendo que o papel semântico do sujeito é TRÄGER (portador) em ambos os modelos.⁷⁹

Podemos comparar frases com adjetivos diferentes, e verificar qual o peso dos modificadores na estrutura. Nos exemplos de (82) a (83) abaixo examinamos o uso de adjetivos:

(82) *Hans war betrunken*

(83) *Henrique war ohnmächtig*

⁷⁹ conf. Heringer (1989 p. 132-135).

Temos a descrição de uma situação em que Hans está bêbado e Henrique desmaiado, sem qualquer outra referência a modo, duração etc. Podemos alterar os exemplos (82) e (83), acrescentando um modificador, um advérbio de lugar. Teremos então:

(84) Hans *war* auf der Straße betrunken.

(85) Henrique *war* im Kino ohnmächtig.

O advérbio representa um acréscimo de informação, mas não uma alteração no estado de coisas inicial dos exemplos (82) e 83). Podemos alterar novamente os exemplos iniciais, acrescentando um outro advérbio.

(86) Hans *war* einen Tag lang betrunken.

(87) Henrique *war* seit zehn Minuten ohnmächtig.

O advérbio, dessa vez, acrescenta uma informação sobre a duração do estado, em (86) durou um dia inteiro e o estado em (87) se iniciara há dez minutos.

Não houve alteração no sentido ou significado do adjetivo quando se acrescentou um modificador do tipo advérbio.

De acordo com a teoria da valência, os advérbios pertencem ao grupo dos adjuntos (*Angaben*), complementos não obrigatórios, ou ainda circunstantes.

Vejamos o que ocorre nos exemplos a seguir.

(88) Hans *war* absichtlich betrunken.

(89) Hans *war* absichtlich der Verlierer.

O advérbio de modo acrescentado altera o sentido, pois Hans parece tornar-se o agente à medida que influencia para o acontecimento, explicitamente provocado pelo próprio sujeito, que é originalmente o BENEFATIV (portador). A questão que poderíamos discutir aqui é saber se, neste caso, o *sein* ainda é um verbo de estado.

6.1.2 *Sein* com substantivo no papel de adjetivo (*Klassifikationssatz*)

De modo semelhante ao português, o tratamento dado a frases como em (90) e (91) é diferente.

(90) Sie *ist* Fränzosin.

(91) Er *ist* Lehrer.

O Duden⁸⁰ esclarece que as predicções com verbo copulativo, entre eles o *sein*, e um nome predicador devem ser analisadas conforme a presença ou ausência do artigo. Tais predicados são usados com finalidade de classificação quando se deseja identificar uma pessoa segundo sua nacionalidade, profissão ou religião.

O uso do *sein* em frases como nos exemplos (90) e (91) acima segue o modelo “*X ist ein Y*”. A finalidade é a classificação, portanto são frases de classificação (*Klassifikationssatz*).

Uma dificuldade se apresenta neste ponto, pois a idéia de *Klassifikationssatz* não dá conta de responder se uma frase como em (92) é do mesmo tipo.

(92) Das *war* und *ist* eine Strategie nach dem Modell des Protests gegen die politische Korrektheit.

6.1.3 *Sein* com substantivos em frases de identificação (*Identifikationssatz*)

Um tipo bastante comum entre as frases com *sein* é o caso de frases, como em (93), em que esse verbo ocorre com substantivo.

(93) Der Mann *ist* der Priester

São frases nas quais está estabelecida uma relação de identificação do tipo “*X ist das Y*”.

Em caso semelhante, Heringer⁸¹ entende que uma frase como em (94) se diferencia dos outros usos predicativos e que o verbo *sein* é, neste caso, um verbo pleno (*Vollverb*).

⁸⁰ Conf. Duden (1993 p. 118-119).

⁸¹ Conf. Heringer (1989 p. 103)

(94) Hier *ist* die besondere Perspektive.

Verificamos que existe, também neste ponto, uma dificuldade de classificação de usos dos *sein*, porque há incontáveis ocorrências com substantivo que nem sempre nos permitem afirmar que se trata de uma frase do tipo “*X ist das Y*”, é o caso do exemplo (95).

(95) Die neuen Bewegungen *sind* vielmehr Symptom für die Krise des klassischen Nationalstaates.

Em termos sintáticos a resposta é sim, o modelo é o mesmo, mas em termos semânticos não podemos afirmar que existe identificação entre o sujeito e o predicador.

V – Contraste entre os usos de *ser*, *estar* e *sein*

1. Introdução

O contraste que nos propomos a fazer neste trabalho se traduz basicamente na comparação dos pontos críticos que causam maior dificuldade para o nativo do alemão aprendiz de português e para o nativo de português aprendiz do alemão.

O cerne das dificuldades se localiza principalmente na oposição entre os verbos *ser* e *estar*. A diferença inicial é o fato de existirem dois verbos no sistema verbal do português para expressar praticamente os mesmos fenômenos que em alemão são expressos por apenas um verbo. O estrangeiro aprendiz do português se depara com essa realidade e tem dificuldade de reconhecer as distinções semânticas entre *ser* e *estar*, sendo assim, usar esses verbos torna-se quase um mistério. A oposição não é clara para ele. Soma-se a isso o fato de que *ser* e *estar* cumprem funções sintático-semânticas semelhantes ao alemão, cumpridas pelo *sein*.

2. Exemplos de contraste semântico entre *ser*, *estar* e *sein*

A maior parte do problema do emprego inadequado de *ser* e de *estar* por parte dos nativos do alemão se concentra nos usos atributivos desses verbos.

As duas frases a seguir, (96) e (97), podem ser traduzidas para o alemão pela frase em (98).

(96) João *é* solteiro.

(97) João *está* solteiro.

(98) João *ist ledig* / unverheiratet.

No alemão, o adjetivo *ledig* significa alguém em situação de “não casado”, usa-se o verbo *sein* porque este é o verbo copulativo para predicções com adjetivo. A frase (97) com o verbo *estar* torna-se um obstáculo para a compreensão. A limitação de tempo expressa pelo verbo *estar* parece não fazer sentido. Tanto que o exemplo (99) parece perfeitamente viável ao nativo do alemão. No entanto, soaria cômico ao ouvido brasileiro, pois é uma construção

sintaticamente possível, mas semanticamente incorreta, embora um brasileiro entenda o sentido.

(99) ? A jaca já *é* madura.

(100) A jaca *está* madura.

O adjetivo “madura” não propriamente um qualificador de uma “característica” inerente ao sujeito, ele expressa uma condição limitada no tempo, e também todo o processo de transformação que está implícito. A fruta passa por um processo que ao longo de uma linha do tempo que se realiza por etapas: verde, maduro, podre; e esse processo é expresso em português pelo verbo *estar*.

Em alemão não é o verbo que opõe as fases “verde” e “maduro”, é o próprio adjetivo, o adjetivo *reif* recebeu um prefixo (*un-*) que indica oposição de significado. O exemplo (100) pode ser traduzido por (101) e (102).

(101) Das Obst *ist* reif.

(102) Das Obst *ist* unreif.

No exemplos abaixo verificamos outro fato.

(103) O homem *está* vivo.

(104) O homem *é* vivo.

Em (103), o verbo *estar* expressa uma condição, *o homem (ainda) vive*, enquanto que em (104) o adjetivo é usado conotativamente, tem sentido de esperteza, ardileza. Esse adjetivo tem origem no particípio do verbo *viver*. Aqui o nativo do alemão precisaria deter dois conhecimentos, um é a oposição *ser* e *estar*, o outro é o uso conotativo da linguagem, cuja compreensão depende do entendimento de fatores culturais.

Além da oposição entre *ser* e *estar*, há um outro ponto crítico para o uso desses verbos por parte do nativo do alemão. Trata-se das contruções para expressão de localização. Conforme vemos nos exemplos (105) a (107), em português, pode-se usar os verbos *ser* e *estar* para expressar localização (no espaço físico).

(105) O chefe *está* na sala dele.

(106) O carro *está* ali.

(107) A minha escola *é* ali.

Em português, existem construções que indicam a localização ou posição no espaço de algo ou alguém tanto com o verbo *ser* quanto com o verbo *estar*. Em alemão é usado *sein* nesse tipo de construção (*etwas ist irgendwo*), como em (108) e (109).

(108) Der Chef *ist* in seinem Büro.

(109) Das Auto *ist* dort.

Isso conduz a uma frase proferida por um falante nativo do alemão como em (110) ou (111).

(110) ? O chefe *é* na sala dele.

(111) ? A carro *é* ali.

Estes são alguns exemplos de emprego equivocado por parte de nativos de língua alemã. O oposto também ocorre, ou seja, nativos do português do Brasil têm dificuldades de uso do verbo *sein*. Essas dificuldades ocorrem, por exemplo, em casos de usos do *sein* como auxiliar da passiva de estado e do *werden* como auxiliar da passiva de ação.

A voz passiva de ação no alemão é formada com o verbo auxiliar *werden*, como no exemplo (112) e a passiva de estado com o auxiliar *sein*, exemplo (113).

(112) Sie *werden* beobachtet.

(113) Die Geschäfte *sind* schon geschlossen.

Mas, como em português se contrói a passiva de ação com o verbo *ser* e a passiva de estado com o verbo *estar*, a tendência é que o falante do português construa, em alemão, a passiva de ação com o *sein* e tenha dificuldade para reconhecer a passiva de estado.

Para falante nativo do alemão que aprende o português, as dificuldades no emprego dos verbos *ser* e *estar* têm origem semântica, mais precisamente na oposição entre estes verbos, que ele não reconhece. É possível que, a princípio, ele crie, e internalize de alguma maneira e a

partir do que ele ouve, uma listagem básica de ocorrências e tente usar os dois verbos por semelhança com a esta relação de ocorrências. A compreensão do sentido semântico dos dois verbos e da sua distinção seria muito mais trabalhosa e lenta.

VI - Considerações finais

Este trabalho consistiu em uma análise das principais ocorrências dos verbos *ser* e *estar* e *sein*, com uma atenção especial para o caso da oposição aspectual entre *ser* e *estar*, pois reside neste ponto uma fonte das principais dificuldades enfrentadas por um falante de alemão que deseja aprender o português.

O recorte fornece um quadro restrito, seja porque o número de ocorrências analisadas se limitou a casos de dificuldades mais gritantes, seja porque o sistema atributivo da língua portuguesa conta com outros verbos que não foram contemplados aqui. Um levantamento e o estudo dos verbos atributivos do português seria tema para um trabalho posterior.

No entanto, este trabalho permitiu verificar que o fato de o português dispor de dois verbos permutáveis, induz muitas vezes o falante de língua estrangeira, em especial de língua alemã, ao uso equivocado dos verbos *ser* e *estar*.

O tema desenvolvido aqui não está de modo algum esgotado, na verdade apenas o abordamos superficialmente. Mesmo assim, acreditamos poder despertar o interesse pela questão e estimular a continuidade das pesquisas.

O objetivo deste trabalho terá sido alcançado se puder contribuir para que o pensamento sobre ensino do português como língua estrangeira considere a necessidade de se levar em conta questões como a da distinção aspectual de *ser* e *estar* ao preparar materiais para o ensino da língua, ou ao elaborar exercícios específicos.

VII. Referência bibliográfica

- BATTAGLIA, Ma. Helena V. Os tempos verbais do passado em alemão e em português. Tese de doutorado. FFLCH/USP. Mimeografado. São Paulo, 1997.
- BARROSO, Henrique, *O Aspecto Verbal Perifrásico em português contemporâneo visão funcional/sincrônica*, Porto, Ed. Porto, 1994.
- BALLESTEROS, Margarida Porroche, *Ser, estar y Verbos de Cambio*, Madrid, Ed. Arco, 1998.
- BECHARA, Evanildo, *Moderna Gramática Portuguesa*, 37ª, Rio de Janeiro, Lucerna, 1999.
- BORBA, Francisco S., *Uma Gramática de Valências para o Português*, São Paulo, Ática, 1996.
- CASTELEIRO, João Malaca, *Sintaxe Transformacional do Adjetivo, Regência das Construções Completivas*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981.
- COSTA, Sonia Bastos Borba, *O Aspecto em Português Semântica do Verbo, Aspecto e Tempo, Perífrases Verbais*, São Paulo, Ed. Contexto, 1997.
- DUDEN, *Grammatik der Deutschen Gegenwartssprache*, vol. 4, Leipzig, Dudenverlag, 1998.
- EISENBERG, Peter, *Grundriß der Deutschen Grammatik*, 2ª, Stuttgart, J. B. Metzler, 1989.
- ENGEL, Ulrich, SCHUMACHER, Helmut, *Kleines Valenzlexikon deutschen Verben*, Tübingen, TBL-Verlag Narr, 1976.
- EROMS, Hans-Werner, *Syntax der deutschen Sprache*, Berlin, Walter de Gruyter, 2000.
- FONSECA, Joaquim, *Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português*, Porto, Ed. Porto, 1993.
- GÄRTNER, Eberhard, *Grammatik der Portugiesischen Sprache*, Tübingen, Niemeyer, 1998.

- HELBIG, G. & BUSCHA, J. *Deutsche Grammatik Ein Handbuch für ausländischer Unterricht*, Berlin, München, Ed. Langenscheidt, 2001.
- HELBIG, Gerhard, SCHENKEL, Wolfgang, *Wörterbuch zur Valenz und Distribution deutscher Verben*, Tübingen, Max Niemeyer, 1983.
- HERINGER, Hans J., *Lesen, lehren, lernen: Eine Einführung in die dependentielle Satzanalyse des Deutschen*, München, Max Hueber Verlag, 1985.
- LEMOS, Cláudia T.G., *Ser and estar in Brazilian Portuguese With Particular Reference to Child Language Acquisition*, Coimbra, Gunter Narr Verlag Tübingen, Tübingen, 1987.
- MATEUS, Maria Helena et al., *Gramática da Língua Portuguesa Elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual*, Coimbra, Livraria Almedina, 1983. MOURA NEVES, Maria Helena de, Estudo das Construções com Verbo-Suporte em Português, in: KOCH, Ingedore G. Vilaça (org.), *Gramática do português Falado*, vol. VI: Desenvolvimentos, Campinas, Ed. Unicamp, 2002, p. 209-238.
- _____, *Gramática de Usos do Português*, São Paulo, Ed. UNESP, 2000.
- POLENZ, Peter von, *Deutsche Satzsemantik: Grundbegriffe des Zwischen-den-Zeilen-Lesens*, Berlin, Walter de Gruyter, 1985.
- REDONDO, J.A. de Molina & OLIVARES, J. Ortega, *Usos de "Ser" y "Estar"*, Madrid, Sociedade General Española de Libreria, 1987.
- RUIZ, Ricardo Navas, *Ser y Estar Estudio Sobre el Sistema Atributivo del Español*, Salamanca, Acta Salamanticensia, 1983.
- SILVEIRA, Alcir L. D., *História do verbo ser do Latim ao Português*, Natal, Ed. Universitária Natal, 1980.
- SOMMERFELDT, K., SCHREIBER, H., *Wörterbuch zur Valenz und Distribution deutscher Adjektive*, Leipzig, 1974.
- WELKE, Klaus M., *Einführung in die Valenz- und Kasustheorie*, Leipzig, Bibliographisches Institut, 1988.